

EGÚNGÚN
ENTRE
OS
ÒYÓ YORÚBÁ

DO LIVRO EGÚNGÚN AMONG THE ÒYÓ YORÚBÁ DE S.O. BABAYEMI 02/02/2005

Paul

EGÚNGÚN ENTRE OS ÒYÓ YORÙBÁ

TRADIÇÕES DE ORIGEM DE EGÚNGÚN

Egúngún é visto como os espíritos coletivos dos antepassados que ocupam um espaço no céu, conseqüentemente eles são chamados **Ara Òrun** (moradores do céu). Acredita-se que estes espíritos ancestrais estão no cotidiano dos seus descendentes na terra. Eles abençoam, protegem, advertem e castigam os seus parentes terrestres dependendo de como os seus parentes negligenciam ou lembram-se deles. Os espíritos ancestrais têm funções coletivas que cortaram por linhagem e lealdade de família. Eles protegem a comunidade coletivamente contra espíritos malignos, epidemias, escassez, feiticeiras e fazedores de mal e geralmente asseguram o bem-estar, prosperidade e produtividade da comunidade inteira. Os espíritos podem ser invocados coletivamente e individualmente em tempos de necessidade. O lugar de chamada normalmente é nos sepulcros dos antepassados, **Ojú Oróri**, o santuário familiar **Ilérun**, ou no bosque da comunidade **Igbàlè**. Na essência, os Yorùbá mantêm boas relações na comunhão constante com os seus antepassados cujos se acredita que os espíritos são mais íntimos a eles que os òrìṣà.

Os espíritos ancestrais podem ser convidados a visitar a terra fisicamente em máscaras e tais mascarados também são chamados Egúngún ou Ara Òrun. Embora seja considerado perigoso para os espíritos ancestrais dominar as atividades do dia do dia das pessoas na terra, os aparecimentos físicos ocasionais de vivência de Egúngún demonstram a proximidade dos antepassados para os seus sobreviventes. O sobrenatural dá poder aos antepassados que em cima da comunidade se torna real, como o Egúngún difere executando o seu poder religioso, funções políticas e sociais. O aparecimento de Egúngún tranqüiliza a vida dos Yorùbá depois da morte. São fortalecidas as linhagens ou laços familiares como cada exibição do seu membro ou a sua lealdade. A vinda para fora do Egúngún de linhagem é uma fonte de bênção e orgulho à família. Em resumo, o aparecimento de Egúngún é um tempo de rededicação e da associação íntima com os antepassados. Também é um tempo de festividade e entretenimento, um tempo de apreensão de forças do mal e de gerar convicção funda em direção divina e proteção. Acima de tudo, ter um Egúngún é um modo de immortalizar o nome da pessoa porque qualquer hora quando o Egúngún sai os tocadores de tambores e mulheres da família cantam em elogio e recontam as ações heróicas da família.

No passado, alguns Egúngún poderosos conduziram as suas comunidades nas guerras. **Mohuru** em Òyó, **Dariagbon** em Kiiṣi e **Lemojagba** em muitas cidades como tal Egúngún. Outros como **Jénjù** e **Lagboókun** em Òyó, **Olóòlu** e **Atipako** em Ìbàdàn, **Kamólóòlù** em Ipetumodu e **Pàjémásé** em Iwó ajudaram a libertar as suas comunidades de diferentes doenças sociais. Estes tipos de Egúngún são capazes de expor e executar as bruxas e outros fazedores de maldade na sociedade. Os herbalistas normalmente têm o seu Egúngún (**Egúngún Olóògun**) para demonstrar os seus poderes mágicos; a sociedade de caçadores tem **Láyèwú** ou **Egúngún Ode** (o Egúngún dos caçadores) enquanto alguns dos òrìṣà principais em cada comunidade têm o seu Egúngún auxiliar. **Alakoro** é o Egúngún Ṣàngó. Há o Egúngún Oya.¹ Há também **Ìyá egbé** ou **Olonko** que são queridos por mostrar a resistência varonil, há o **Egúngún Olóré**. Nesta categoria há o **Alápánsánpá** em Ìbàdàn, **Lémojágba** em Gbongan e outros. Os Egúngún artistas profissionais dramatizam eventos contemporâneos em cada comunidade.

Por exemplo, eles imitam prostitutas, inspetores sanitários, casais brancos, bêbados, etc.

Um festival de Egúngún anual é coletivamente e normalmente organizado quando os espíritos dos antepassados compartilham o companheirismo físico com os seus parentes na terra. O festival normalmente dura sete, quatorze, dezessete, ou vinte e um dias. No festival acredita-se que todos os Egúngún voltam do céu. Porém, os seus espíritos podem ser chamados em **Ojúbo** diferentes (lugares sagrados) sempre que os seus parentes na terra precisem dos seus serviços divinos. De fato, certos Egúngún saem no festival anual para executar funções específicas.

¹ Como há um Odù Ifá e Èṣù auxiliar para cada òrìṣà assim acredita-se que há um Egúngún auxiliar para cada òrìṣà.

Estas incluem os Egúngún que levam rituais para os lugares sagrados; aqueles que caçam bruxas; aqueles que executam rituais em enterros e outras funções. Egúngún **Onídan**, **Alarinjo** ou **Agbegijó** que são artistas profissionais também podem sair durante todo o círculo anual.

Todo membro de uma comunidade Yorubá parece ser envolvido na adoração de Egúngún, desde que todo mundo tenha pelo menos um antepassado a chamar. Mas são expostos mais os homens no mistério de Egúngún do que as mulheres e só os membros da sociedade de Egúngún sabem os segredos e as funções de Egúngún. Em essência, Egúngún é um culto secreto como Oró e Agemo. Algumas mulheres sabem os seus mistérios e tais mulheres não podem divulgar os segredos do culto. Estas são **Ìyámòde**, **Yèyèsòrun** e **Ato**² em localidades diferentes. Elas aderem à declaração: "*B'obinrin mawo, kò gbòdò*" [Se uma mulher sabe os segredos do culto, ela nunca deve contá-los].

Os membros do culto em consulta com o Oba da cidade fixam o festival anual e qualquer outro aparecimento de Egúngún como eles acham necessários. Eles executam as funções de Egúngún e eles guardam os mistérios do culto cuidadosamente. Eles serão informados pelo indivíduo que quer fazer oferendas rituais ou sacrificar para suas ou seus antepassados. Eles dão diretrizes e direções como os indivíduos podem comungar com os antepassados. Para entender os mistérios de Egúngún, a pessoa precisa entender o desenvolvimento histórico do culto.

Como material-documentado-escrito sobre o culto está escasso, nós temos que confiar em mitos e rituais relativos a Egúngún. As tradições principais usadas são Odù Ifá, [o corpo de Ifá] e **Esa Egúngún (Iwi ou esa)**. As tradições coletadas durante os festivais de Egúngún e as tradições coletadas dos artistas de Egúngún profissionais completam estas fontes enquanto é feita a informação de algumas fontes secundárias. Deve-se ficar atento das limitações de tradições orais. Nenhum deles é capaz de dar conta do que descreve. Cada um tenta enfatizar os mitos e as lendas ou dar interpretações religiosas a eventos históricos e desde ambos os cantos Esà Egúngún e Odù Ifá 'o corpo de Ifá' poderia ser subjetivamente feito dependendo de quem os recita, eles poderiam distorcer ou poderiam falsificar a história; não obstante, como para isto será mostrado, eles explicam algumas tradições e convicções sobre os mistérios de Egúngún; e se eles pudessem ser pesados junto com outras fontes, pode ser possível tentar algumas explicações históricas prováveis destas tradições.

Mitos de origem de Egúngún em Odù Ifá:

Um dos Odù principais que mostra como Egúngún foi originado é **Òtúrúpòn méjì**. Ele diz que quando um homem morre o cadáver é enterrado mas o espírito une-se aos antepassados para se tornar Egúngún. Como o cadáver do defunto é coberto, da cabeça e aos pés assim é o Egúngún no céu. Isso é por que todos Egúngún são completamente vestidos, nenhuma parte do mascarado deve ser revelada ao público. Este Odù explica a convicção Yorubá na vida após a morte e como o morto uniu-se aos antepassados para se tornar um morador do céu (**Ara òrún**) e por que os Egúngún de **Òyó** são completamente cobertos.

Outro Odù que mostra a origem de Egúngún é **Qwónrín Aséyìn** ou **Isányìn**. O Odù fala que **Edun** ou **Ijimèrè** (um tipo de macaco) estuprou uma viúva numa fazenda quando a mulher estava indo buscar lenha e a mulher ficou grávida. Em vingança, a mulher voltou para a floresta para atrair o macaco para cometer novamente o ato, mas enquanto o animal estava excitado, ela o persuadiu a pôr o seu "membro masculino" dentro de uma laçada de malha que ela tinha preparado. Ela soltou a malha e o animal foi apanhado. Morreu no encontro. A mulher teve um filho da gravidez e depois de vinte oito anos depois este filho se tornou o Oba da sua cidade. Todos os esforços para fazer as esposas do Oba para engravidar resultava em aborto. Então um sacerdote de Ifá descobriu que o Oba não tinha feito os ritos funerários do seu pai e se não o

² **Ìyámòde** e **Yèyèsòrun** são os títulos de mulheres mais velhas no culto. **Ato** é uma sócia iniciada no culto. Há uma tradição que toda criança fêmea nascida com o seu cordão umbilical colocado no tórax como o chicote **Atori** é chamada **Ato**. Outra tradição diz que **Ato** é a criança nascida com as membranas que cobrem a sua cabeça como uma máscara, se for um macho, ele será chamado **Amusan**. Em **Ègbado**, as possuidoras de título femininos no culto são a **Ìyá Agan**, **Otun Ìyá Agan** e **Ìyámako**. Ainda em outra tradição diz que a terceira criança de um trigêmeo é chamada **Ato** se for uma fêmea, enquanto são chamados o primeiro e o segundo respectivamente **Tayewo** e **Kèhinde**. A terceira criança de um trigêmeo é naturalmente uma sócia iniciada no culto de Egúngún.

fizesse o Ọba não teria os seus próprios filhos. A mãe do Ọba foi chamada e ela revelou o segredo. O sacerdote de Ifá disse para o Ọba que ele devia levar os ossos do macaco para um sítio (*Igbógbàlẹ̀*) com pompa e esplendor para Ilérùn onde os ritos funerários seriam realizados.

Um pedaço muito longo de pano foi o que conseguiu cobrir os ossos, um anúncio foi feito que o pai do Ọba estava visitando a cidade em um dia fixo. À meia-noite, as pessoas que já conheciam o plano foram para o sítio. Eles agiram como se eles estivessem levando o pai do Ọba que deixou solto um longo pedaço de pano para ser levado por centenas de pessoas que gritavam “*E gbágan, ẹ gbágan, irù ágan kò gbódò kanlẹ̀.*” (Leve agan, leve agan, o rabo de agan não deve tocar o solo). Mulheres que olhavam a procissão e que já tinha sabiam do segredo falavam que aquilo era a replica do eégun (*eegun*) *bàbá ọba má gùn ò.* (Os ossos do pai do Ọba eram muito longos). O Odù relata que esta é a origem de Egúngún.

Deveria ser corrigido, porém, que Egúngún (mascarado) é pronunciado diferentemente de egungun (ossos). Os dois tons, portanto, não podem significar a mesma coisa. O Odù só explica a convicção Yorùbá nos Funerários Obséquios. Os sobreviventes de qualquer doença de risco que afligiu com a esterilidade e todos os tipos de doenças não são executados rito funerário. O Odù explica como Agan que se acredita que é os restos do macaco, o pai biológico do Ọba, é levado para casa. Este Agan se tornou então o símbolo sagrado do poder de Egúngún e do culto. Embora o Odù não pode ter narrado eventos históricos, que ilustra como os Yorùbá acreditam na relação entre os vivos e os mortos.

O Odù diz mais adiante que como Àgan estava sendo levado a Ilérùn o santuário familiar, havia especulações sobre seus conteúdos, conseqüentemente foram enviados homens com olhares ferozes à cidade para advertir as mulheres da dor da morte para manter em lugar fechado. Estes homens estavam gritando “*Eró mbó, Eró mbó, Obinrin òwò ó*” (Eró está vindo, Eró está vindo, as mulheres não devem vê-lo). Eró é o nome sagrado do macaco. Estes homens estavam fazendo sons selvagens e incômunos. É dito que isto é o começo de Orò. O Odù diz, que Orò teve a mesma origem de Egúngún e não é permitido as mulheres saber o seu segredo. Porém, Peter Morton Williams faz uma observação que Orò provavelmente tenha vindo do sul da Ọyọ presente, provavelmente no século XIX. Esta suposição é em parte baseada no fato que em Ọyọ só o bairro Jabata tenha o culto. Mais adiante, a organização do culto de Orò em Ọyọ não é controlada pelo Ọba e o Ọyómesi como nos outros cultos. Peter Morton Williams também registrou isso entre os Ọyọ, não é concedido à Orò os poderes políticos e policial que tem na terras Yorùbá meridional e ocidental. Suporta argumentar, então, sugerir que são considerados Orò e Egúngún como executantes idênticos, as tradições os apresentam como irmãos, mas em fato atual, os cultos de Orò e de Egúngún não têm muito em comum e como Peter Morton Williams notou que os membros do culto de Orò não são influentes na política de Ọyọ como eles são entre os Egbá e os Ijẹbu.

Agan em forma de um pedaço muito longo de pano, ainda foi levado em Itoko Abẹokuta e Ọta na noite do primeiro dia do festival. Mas geralmente nas cidades de Ọyọ, Agan conota um significado mais fundo que os aparecimentos anuais de Agan durante o festival de Egúngún. Acredita-se que Agan está além do que o homem pode compreender, conseqüentemente a declaração:

Ma fojú kan mi
Enikan ko gbódò fojú kan Orombo
Nijọ Agan ba jade ọsan
Igi a ma wo lu igi ọpẹ a ma wolu ọpẹ.

Igbo a ma jona tagbatagba
Ọdan a si jona teruwa teruwa
A difá fun Mafojukanmi
Ti i jẹ Agan.

Você não deve ver minha face
Ninguém sempre pode ver Orombo
Sempre que Agan sai ao meio-dia
(Um vento forte vai soprar) tombando árvores e árvores e a
palmeira que se cai sobre as palmeiras
As florestas densas são entusiasmadamente fixas
E os campos da savana estão completamente queimados
Foi adivinhado para Ifá para Mafojukanmi
Não veja minha face — Que é chamada Agan.

Nesta sensação, Agan não é representado em qualquer forma física e o seu poder é raramente usado. Mas em uma emergência, Agan poderá ser usado para rejeitar um Ọba, diz que

um tal Oba foi levado ao céu por Agan. Uma bruxa má, uma árvore Iroko malévolamente poderia ser destruída pelos membros do culto de Egúngún, eles reivindicariam que Agan fez isto. Quando o escritor perguntou para o Chefe Salawu Adéleke, o recente Alapinni de Oyo qual é o significado de Agan. Ele pouco disse, mas Agan é o poder dos antepassados e que este poder é derivado de Edun (o macaco vermelho).

O Odù também ilustra a santidade de Edun.³ Acredita-se que Edun é dotado de poder mágico e acredita-se que é dele que os membros do culto de Egúngún derivam os seus poderes sobrenaturais. Acredita-se igualmente que Edun é uma das fontes principais do poder para o Aláàfin. A qualquer hora que um Aláàfin aparece em público e para seus funcionários ele tem que usar a pele de edun. **Oṅa Isokùn** é considerado como o pai oficial do Aláàfin e acredita-se que ele é quem guarda o poder mágico de edun. Oṅa Isokun também é considerado como o originador dos gêmeos e os gêmeos são considerados como possuidores de poderes mágicos de edun. Os artistas de Egúngún mantêm a pele de edun como a fonte da sua força mágica.

Outro Odù que ilustra a origem de Egúngún é Ogberíkúsá ou Ogbè e Oṣá. Ele declara que os Egúngún eram espíritos divinos. Depois da criação, a terra não era estável. Todos os òriṣà tentaram dar o melhor deles, mas, eles não tiveram êxito, até Olódùmarè enviou os ébórà (os espíritos divinos) do céu. Onde estes ébórà aterrissaram era Igbó Igbàlè, (bosque sagrado). Eles tiveram que se disfarçar para levar os rituais necessários para os quatro cantos da terra; depois disso foi que a terra ficou estável. Estes ébórà (espíritos divinos) foram chamados então de *Se ayé gún* (aqueles que fazem a terra estável) e foi assim dado a origem aos Egúngún. Este Odù explica as funções políticas e sociais de Egúngún somente na sociedade. O Egúngún liberta a sociedade de todas as forças de instabilidade.

Outro Odù que ilustra a origem de Egúngún é Oḱànràn eléégún ou Oḱànràn Ogúnda. Ele explica que Egúngún era o último dos nove filhos de Oya, a esposa de Ṣàngó. Oya era inicialmente estéril até que lhe foi dito que usasse a rainha das formigas como um encantamento de fertilidade. Oya foi advertida porém que ela normalmente deveria colocar a sua criança dentro de um formigueiro. As primeiras oito crianças de Oya estavam sãs, mas as formigas operárias desfiguraram a face do último nascido. Ele teve que vestir uma máscara para cobrir a sua face e desde então ele não pode falar naturalmente e as pessoas acreditaram que ele era um ébórà (espírito do mundo dos criminosos) com poderes sobrenaturais.

A relação íntima entre Egúngún, poderia ser bem entendida com Ṣàngó e Oya se as pessoas percebessem o fato que eles eram todos mais ou menos instituições de Oyo. Em outras sociedades Yorubá são considerados Obatálá e Ógún como as divindades mais importantes que Ṣàngó, Oya e Egúngún. Mas no império de Oyo, fizeram de Ṣàngó, Oya, Baayanni e Egúngún superiores aos outros òriṣà. O culto de cada um era usado como um instrumento religioso e controle político de Oyo. Egúngún tem que sair durante os festivais de Ṣàngó e Oya em Oyo. De certo modo este Odù ilustra que Oya e Egúngún eram capazes de conceder filhos as mulheres estéreis. A parte final do Odù se lê;⁴

Talo lowo Oya lode Ipo
Ko s'ényàn toyà gàn bi Oya Olala
Oya to yàgàn to renú ogan rée bí sí

Akànbì ogán nbẹ lóde Ipo
Oya d'Olú Oya dọsin
Opèrè dálà lóyan.

Que está tão rico quanto Oya em Ipo
Nenhuma mulher era tão estéril quanto Oya Olala
Oya que era tão estéril que teve que entregar as suas
crianças em um formigueiro.
Akànbì Ogán mora na cidade de Ipo
Oya ficou suprema, Oya foi divinizada
As marcas Opere no seu tórax apareceu ricamente no
seu peito.

³ Isto é observado no oríkì de linhagens de Egúngún e os vários Odù Ifá relativos a Egúngún, não há nenhuma diferença entre a descrição de Edun e Iji. De fato, Edun é o macaco preto/marrom. Iji ou Ijimere é o macaco vermelho.

⁴ Acredita-se que todas as crianças que é presente de Oya têm Ogan (formigueiro) fixado em seus nomes, como Akanbi Ogan Arẹmu Ogan.

Há muitos outros Odù que ilustram a origem de Egúngún como Qbàrà Osá, Iwòri kò Rẹ̀kú, etc. Cada um deles explica a origem parecendo de uma convenção específica e uma convicção nos mistérios de Egúngún. Considerando que estes Odù são encarnados em mitos, lendas e alegorias, todos eles são a demonstração do pensamento e do sistema de convicção das pessoas. Também deveria ser notado que todos os Odù que se referem à origem de Egúngún tendem a enfatizar uma noção de que qualquer coisa que veste uma máscara que representa Egúngún ou os espíritos dos antepassados. As pessoas que usam as máscaras durante os festivais de Ekinẹ, Agemo, Gelede e Epa estes mascarados não são considerados como Egúngún e eles não representam os espíritos dos antepassados. O Adamu Òriṣà entre as pessoas de Awori e Lagos é conectado com o rito funerário, não é considerado nem sequer como Egúngún como o espírito encarnado Èyò que não é completamente trajado.

Mitos de origem nos oríkì de linhagens de Egúngún:

Existem referências sobre origem de Egúngún nos diferentes oríkì de linhagens de Egúngún. No oríkì de Igbórí, o Onígbórí morreu em um rio e os seus parentes suspeitaram num jogo sujo, mas um adivinho indicou que o seu espírito poderia ser chamado no sétimo dia para falar aos seus parentes quando ele submergisse. O solo foi golpeado muito com chicotes de atóri enquanto o nome do defunto foi chamado. Na terceira ocasião o Onígbórí respondeu e saiu numa máscara e a sua voz estava mudada. Ele lhes falou como ele submergiu. E também foi prometido que ele lhes responderia qualquer hora, sempre que os seus parentes precisassem da sua ajuda. Ele foi conduzido para a cidade com fanfarra e quando ele entrou em um quarto ele desapareceu no solo, "O wọlẹ". Qualquer hora as pessoas de Igbórí queriam que Onígbórí saísse, eles o chamavam no quarto: **Ilé Ọrun** (casa do céu). Esta tradição é contida no Oríkì Igbórí que se lê em parte:

Ọmọ kúlódò Awúbì	O filho do homem que morreu no rio e que se tornou o orgulho dos seus parentes.
Ọmọ kúlodò Awúsi Èyò	O filho do homem que morreu no rio e se tornou uma fonte de delícia em Èyò.

Há outra tradição variante que diz que Egúngún originou-se do rio. É dito que o primeiro Onígbórí era o primeiro Alápinnì que teve três ou sete filhos. Eles comeram um inhame proibido assim eles foram forçados a correr para o rio onde eles beberam até a morte. O Alápinnì consultou um adivinho que lhe falou que os seus filhos se levantariam no sétimo dia. No sétimo dia, o adivinho adquiriu chicotes de atóri. Ele golpeou o solo três vezes chamando os filhos. Na terceira vez os filhos responderam com vozes mudadas e eles saíram mascarados. Como eles já eram os habitantes do céu, elas não puderam ficar com as pessoas na terra, então, foram alojadas no Ilérun (casa do céu). No Ilérun, o Egúngún destes meninos foram chamados para desaparecer no solo 'Wọn wọlẹ' (Eles vão para o céu) e eles poderiam ser chamados para aparecer a qualquer hora nas máscaras sempre que seus parentes que precisassem dos seus serviços como eles tinham adquirido poderes sobrenaturais como Ara Ọrun (moradores do céu).

Embora, eles fossem meninos e porque eles tinham morrido, eles tinham se tornado pais para esses viventes. Isto é por que numa parte do Oríkì Igbórí se lê:

Wọn ní Onígbórí wọn kò lá'gbà	É dito que as pessoas de Igbórí não têm nenhum ancião
Wọn kò lágbà	Elas não têm nenhuma antigüidade em graus de idade
Gbogbo wọn rín jẹ gbaba	Todas elas são chamadas 'pai'
Ọmọ ajẹ baba má jẹ arúgbó	Elas são chamadas os pais, contudo elas não são velhas.

Há ainda outra tradição da origem de Egúngún no Oríkì Igbórí que tem conexão com um rio. Dizia-se que a mãe do primeiro Egúngún era **Ìyámoṣe**. Significativamente Moshe estava na cidade de Borgawa que ficava no banco do rio Moshi. Foi dito a Ọranyan e Sàngó para ter conexão de igualdade com **Ìyámoṣe**. Foi dito que **Ìyámoṣe** era muito velha com cabelos cinzentos, contudo ela estava nua. O Oríkì mostra como **Ìyámoṣe** gastou todos os seus anos em lamentação até que

Amusan que conheceu Ìyámoṣe no banco do rio de Àasà predisse que Ìyámoṣe teria sua própria criança. Ìyámoṣe ficou grávida e deu à luz a Egun Anumi que fundou o primeiro Igbóri.

O tema de todos estes oríkì é que Egúngún tem conexão muito forte com a água. E esta água é o rio local como neste oríkì.

Ta lo sọ pe Onígbóri ko lodo
Ta lo l'Àasà
Ta lo l'Èkoro
Ta lo ni d'Obode
Omi Ìpákùn

Que diz que Onígbóri não tem um rio
Que tem o rio Àasà
Que tem o rio Èkoro
Que tem Dobode
De quem água dentro de uma floresta emaranhada.

Alguns dos oríkì fazem menção de um volume maior de água como rio Moshe e rio Níger. Aqui novamente a relação entre Egúngún, Oya e Şàngó é demonstrada e como eles são todos conectados com rios de uma forma ou de outra. Em toda a cidade de Òyó o Igbalè (o bosque de Egúngún), normalmente fica onde um rio atravessa o bosque e há um rito funerário relativo à linhagem de Egúngún que deve ser executado na margem de um rio. O caixão de um chefe de uma linhagem de Egúngún como Igbóri normalmente é feito em forma de uma canoa (ọkọ) e arrastado em círculo na terra como se estivesse na água. Acredita-se que o defunto velejaria para conhecer os seus antepassados com a canoa.

Estas e muitas outras tradições encontradas em Igbóri, Ikolo e o oríkì Ogbin fazem a pessoa imaginar que Òyó viveu muito perto de um grande volume de água na sua história. O escritor sugeriu que as determinações de Òyó pudessem ser localizadas ao redor do banco do rio Níger muito perto de Jebba. Esta sugestão é sustentada pela afirmação de Ọbayemi que os bronze populares de Jebba foram identificados com os Yorùbá do norte no lugar de origem com os Tseode ou as origem dos Ifè/Benin.

Samuel Crowther, que naufragou em Jebba em 1857, notou que um sacerdote teve que invocar em Yorùbá, Ketsa que é uma divindade que se acredita que habita em uma pedra no meio do rio, embora o Yorùbá não fosse o idioma local da área. Isto pressupõe que os colonos que moveram-se ao longe do banco do rio Níger eram Yorùbá.

Geralmente acredita-se que os Gbedegi são um sub grupo Nupe que vivem na região de Jebba Mokwa que é um ramo Yorùbá. Em 1857 Samuel Crowther não se informou de que a tribo Gbedegi teve a origem do seu nome 'Gbede' palavra Yorùbá que significa 'entender' e 'gi' um sufixo comum Nupe que significa 'pequeno'. Gbedegi foi aplicado originalmente às pessoas locutoras Yorùbá que entenderam um pouco do idioma Nupe. Baikie assumiu que o idioma referido era Nupe. Nadel também ouviu a mesma história. Mason mostra que os informantes de Rochfort Rae lhe falaram que o fundador da dinastia governante de Muwo era um Yorùbá e que Gbedegi era uma mistura Yorùbá e Kede. Mason também diz que Idris Alhasan um nativo da área de Kpaki lhe contou que algumas cidades ou determinações eram antigamente na área de Kpaki nas cidades Yorùbá. Estas narrativas concordam com os mitos Yorùbá que associam os Nupe e os Yorùbá Òyó como as pessoas que viveram antigamente no banco do rio Níger; mas deveria ser acentuado que eles não mostraram a origem do Egúngún Nupe como será discutido depois.

Como já foi acentuado, não puderam ser vistos mitos em Oríkì como narrativas históricas. Eles puderam porém, lançar luz em nossa compreensão de eventos históricos. Como também foi mostrado, são pretendidos que todos os mitos mostrem a relação da santidade do macaco ao culto. As referências para os Nupe e os Borgu mostram as interações e casamentos entre estes povos de vizinhos. A pessoa precisa estudar o sistema de linhagem em tais cidades como Şaki, Igboho, Kiişi e Igbeti para poder entender a relação entre os Yorùbá, os Nupe, os Borgawa e outros vizinhos de Òyó. Se os mitos nos Odù Ifá e Esa Egúngún ou Iwi são cuidadosamente analisados, eles servem como material de fonte histórica. Eles também completam fontes históricas em Ijala, Rara e outros cantos e eles poderiam ser pesados com outras fontes para localizar o desenvolvimento histórico de qualquer instituição de Egúngún e cultos de Egúngún em particular.

OUTRAS TRADIÇÕES DE ORIGEM E O DESENVOLVIMENTO DO CULTO DE EGÚNGÚN

Muitas pessoas se referem aos mascarados de Igbò como os primeiros Egúngún Yorùbá. Acredita-se que os Igbò são nativos Yorùbá os quais saíram com o grupo de Odùdúwà de Ilé-Ifè. Como uma reação natural para a privação que eles sofreram nas mãos destes imigrantes que os lançaram fora de Ifè, eles tiveram recurso a uma estratégia pela qual eles se disfarçaram em forma de mascarados para aterrorizar e saquear a cidade de Ifè. Mòrèmi ficou atraída pelos Igbò que a levou para o lugar escondendo-a. Ela descobriu o segredo que os mascarados eram de fato homens cobertos com ráfia. Ela escapou e voltou para o seu povo e ensinou que eles enfrentassem os Igbò com tochas sempre que eles se aproximassem da cidade para saqueá-la. Quando os Igbò estavam próximos de Ifè para aterrorizar as pessoas, o povo de Ifè os derrotou e os dirigiu para longe do seu território.

Mas em aparecimento e veste, o Egúngún dos Igbò eram diferentes do Egúngún dos Òyó. Os Igbò tinham como as suas roupas a ráfia, enquanto os Egúngún de Òyó se cobriram com pedaços de pano. Os Egúngún dos Igbò não eram cobertos completamente enquanto os Egúngún de Òyó eram. Além disso, os Egúngún dos Igbò eram significados de disfarce, eles não representavam os espíritos dos antepassados como os Egúngún dos Òyó. Os Egúngún dos Igbò podem, então, não ser considerados com o mesmo sentimento que os Egúngún dos Òyó e os Egúngún Igbò como tal não poderiam ter sido a origem dos Egúngún de Òyó. Recentemente, não eram permitidos para os Egúngún Òyó entrarem e andarem ao redor do palácio em Ilé-Ifè. Os Mòdakèkè que era os imigrantes do império da Velha Òyó apresentaram os Egúngún Òyó na área de Ifè no século XIX.

Samuel Ojo Johnson e Peter Morton Williams sugerem que os Egúngún de Òyó tenham se originado nas terras Nupe. Os Nupe dizem terem sido conduzidos pelos seus Egúngún quando eles invadiram e saquearam a capital de Òyó no século XIX. É dito que os Òyó consideravam os Egúngún dos Nupe como Ara Òrun e então fugiram à aproximação das forças dos Nupe. É dito que os Nupe iniciaram os Òyó nos mistérios do culto de Egúngún depois do exílio de Adédeji que diz que não era até o reinado de Ofinran em exílio que os Òyó adotaram a idéia dos mascarados e desenvolveram um culto por alcançar objetivos políticos. Smith diz que estava em Kusu quando foram os Egúngún e Ifá foram apresentados aos Òyó como cultos. Ele também concorda com a influência dos Nupe.

Um exame nos oríkì de Şàngó e nos oríkì de linhagens de Egúngún como Igbórí e Ikolo sustentam a noção que Egúngún teve uma relação íntima com os Nupe. Além disso, um estudo detalhado dos oríkì das várias linhagens em algumas cidades como Kiişi, Igboho, Şaki e Igbeti mostram como estavam íntimas estas várias cidades com os Nupe e os Borgu. Johnson também reivindica que o primeiro Alapinni como os outros sacerdotes de Egúngún o Elefi, Olohan, Oloba Aladafa e Oloje, emigraram de Nupe para as terras Yorùbá.

Mas apesar de todas estas evidências pesadas que mostram as influências dos Nupe no culto de Egúngún, S.F. Nadel diz que Egúngún foi apresentado aos Nupe pelos Yorùbá e pelos escravos Yorùbá Konu. Ele mostra mais adiante que os Nupe gugu era de derivação dos Yorùbá e que o ritual foi limitado aos descendentes desses escravos originais.

Tentando mostrar que de fato Egúngún foi apresentado dos Nupe aos Yorùbá e que Nadel estava errado na sua suposição, Michael Mason cita Samuel Crowther, Samuel Johnson e Samuel Ojo que toda a vindicação que Egúngún foi apresentado dos Nupe a terra dos Yorùbá. Mason também diz que Nadel se contradiz dizendo que os Nupe Elo que Nadel observou em Gbedegi se assemelha ao Egúngún dos Yorùbá. Como cumprimentos as narrativas de Crowther, Jonhson e Ojo, diz que a pessoa deveria considerar como as narrativas de clérigos cristãos que escrevem a religião tradicional. Então, estas são tradições não analisadas. Por exemplo, Samuel Crowther diz que Egúngún foi apresentado aos Òyó durante o reinado de 'Ajourough' (Ajerò). Mas este rei não pôde ser localizado na história de Òyó e além disso, se ele quisesse dizer Ajerò, ao reinado de Ijero, os Egúngún de Òyó não foram introduzidos em terras Ekiti até a queda do império. Os Ibàdàn provavelmente apresentaram os Egúngún Òyó em terras Ekiti depois que conquistaram a

região no século XIX. No assunto da suposição de Nadel, parece que não há nenhuma contradição na sua declaração como atenção aos cultos de Mama e Elo que são cerimônias de máscaras entre os Gbedegi. Para isto foi indicado antes do que se acredita os Gbedegi são Yorùbá em origem embora eles sejam agora Nupe.

Adédéji também diz que, Şàngó começou a adoração de Egúngún como o espírito do seu pai, Ọrànyàn. Acredita-se que Ọrànyàn morreu em Ifẹ e o seu corpo se transformou em pedra. Pedra esculpida e terracota como meio de imortalidade do morto em Ifẹ e acredita-se que isto é a personificação anterior dos espíritos dos antepassados na terra dos Yorùbá. De acordo com Adédéji, Şàngó não pôde levar o cadáver de Ọrànyàn para Ọyó, é dito que ele tenha projetado obséquios funerário para Ọrànyàn em Ọyó. Ele é informado por trazer o espírito encarnado de Ọrànyàn para Bàrà (o mausoléu real). Ele pôs a Ìyámòdé como a sacerdotisa principal e algumas outras mulheres velhas do palácio as quais ele intitulou como **Bàbá Bàrá**, (Pais em Bàrà). O dever da Ìyámòdé e das Bàbá Bàrá eram adorar o espírito de Ọrànyàn. Ìyámòdé comunicava os desejos de Ọrànyàn a Şàngó e era ela que chamava o mascarado de Ọrànyàn de um quarto chamado Ilérun, em Bàrá.

Outras tradições coletadas em Ọyó dizem que Şàngó olhou nas mulheres de Bàrá com grande referência porque ele foi informado como prostrar para elas. Estas mulheres raspavam as suas cabeças iguais aos homens; elas não usavam o búbá, (a blusa superior das mulheres Yorùbá) e a parte superior delas eram amarradas com um pano ao corpo só sobre os peitos, na parte de baixo que toca o solo. Sempre que elas ameaçavam deixar Bàrá, as pessoas as tratavam com temor. Sempre que elas visitavam o mercado, elas pegavam qualquer comida que elas quisessem e sempre que elas visitavam o palácio, as mulheres do palácio na aproximação delas, jogavam água no solo, gritando para elas 'os pais' vieram nos visitar. Tudo que estas mulheres exigiam seria trazido com respeito.

Depois, Adédéji diz que a cerimônia de trazer o espírito da casa do falecido na forma de um mascarado foi difundida como parte do rito funerário dos chefes de linhagem. Um quarto especial, **Ilérun** foi fixado aparte na parte interna do compound donde o espírito do morto pudesse ser convocado. Acredita-se que esta cerimônia é uma passagem para o defunto se juntar aos espíritos ancestrais sem os quais o espírito não estaria contente no céu e os seus parentes na terra sofreriam com isto.

Porém, a tradição não deveria ser traduzida de frente em seu valor como Adédéji fez. A conexão íntima de Egúngún com Şàngó será entendida como era inicialmente as instituições de Ọyó. A conexão provável de Ọrànyàn com Ifẹ, Benin e Ọyó foi tratada em outro lugar. Ọrànyàn não pôde ser considerado como o filho ou o neto de Oduduwa como os mitos dizem. A pessoa também não pôde dizer com certeza que Şàngó era o filho de Ọrànyàn. O que era muito provável era que Şàngó não pertencia ao grupo do nativos que depois formou os membros do Ọyómesí. Ele provavelmente pertenceu ao grupo governante de Ọrànyàn que não só tinha laços mais íntimos com os Nupe, mas com os comerciantes ao longo do rio Níger. Era possível que Şàngó tenha perdido o controle do reino emergido como resultado do seu sucesso em invasões, tratados políticos e as grandes comitivas. O reinado de Şàngó como o Aláàfin, a sua rejeição e como ele foi reconhecido como o Aláàfin ideal depois da sua morte está além do âmbito deste trabalho; o que é importante para nosso estudo é o fato que Egúngún é como uma instituição que não pode ser falada por ter sido introduzida por um homem. Foi desenvolvido pela sociedade como uma ideologia em resposta para as necessidades ideológicas da sociedade.

De maneira interessante considerando que os tipos de Egúngún mascarados não são desenvolvidos corretamente como um culto entre os Nupe, existem outros povos aparte dos Yorùbá que tem os Egúngún mascarados. Entre estes povos, os cultos assim desenvolvido são considerados como os cultos conectados com os antepassados. Tais cultos também são executados e funcionam como os Egúngún de Ọyó. Em Igala, executa-se o culto de Egwu com funções semelhantes e os mascarados Egwu são completamente vestidos como os Egúngún de Ọyó. Entre os Ibo, são considerados o Egwu ou Mmo como os espíritos dos antepassados e o culto de Mmo executa as funções políticas e sociais como os Egúngún de Ọyó. Armstrong e Meek também mostram isso entre as tribos relacionadas perto de Igala como Jukun e Idoma, os Dodo, os Maigiwo

e as sociedades de Alekwu usam máscaras para representar os seus antepassados e estas sociedades executam funções políticas e sociais semelhantes aos Igala Egwu. Em todos estes lugares a convicção é forte que se não são executados rituais funerários, o defunto tira infortúnios no seus parentes na terra. É possível discutir que a semelhança de convicção entre os antepassados e os mascarados ancestrais não constituem evidência suficiente de vínculos culturais. Que é igualmente possível que cada um tenha se desenvolvido separadamente e independente dos outros. Deveria ser percebido porém que existem muitas sociedades na África Ocidental onde os antepassados não são representados com máscaras como entre os Ashantis. Mas em todos os lugares onde os antepassados são representados com máscaras há vínculos históricos e culturais.

Estes vínculos são cortados por limites políticos, estes vínculos trazem difusão de idéias e ideologia entre grupos distintos. A difusão é tão complexa que seria difícil de localizar suas tendências. Por exemplo, foi discutido porque os Yorùbá e os Igala têm ideologia religiosa, política e social em comum, ambos eram descendentes de uma ação ordinária. Armstrong usou evidências lingüísticas para sugerir isto, ele também usou método de glotocronologia para sugerir que os Igala separaram-se dos Yorùbá aproximadamente há 2.000 anos atrás. Onwuejeogwu mostrou que os fundadores de alguns grupos Igala vieram da terra dos Ibo enquanto os fundadores de alguns grupos Ibo vieram de Igbala. Seton acredita que Egwu entre os Igala vieram das terras dos Ibo, enquanto reivindica que os Ojo com suas coleções etnográficas, poderiam ter sido o outro círculo de modo que trata a sociedade dos Ekpo entre os Ibíbio, Forde e Jones mostram os vínculos culturais entre os Ibo e os Ibíbio. Os pontos que estão sendo acentuados aqui são que os tipos de Egúngún mascarados originaram-se de cada sociedade e que o culto é organizado em cada sociedade de acordo com as necessidades e pelos vários limites políticos. Os vínculos e difusão de idéias entre vários grupos explicam o por que do aparecimento e funções dos tipos de egúngún Yorùbá mascarados que podem ser encontrados entre os Igala, Jukun, Idoma, Ibo e Ibíbio.

Isto simplesmente explica que a convicção nos antepassados e no culto do ancestral não é peculiar a qualquer sociedade na África. É necessário que uma necessidade examine a força dentro de cada sociedade que tenha cristalizado a convicção do ancestral em cultos ancestrais. No caso de Òyó foi discutido já que uma única pessoa como Şàngó não poderia ter apresentado o culto a Òyó. Para isto foi mostrado também que embora a influência Nupe tenha sido muito forte no culto de Egúngún, o culto provavelmente não foi apresentado aos Òyó pelos Nupe.

Existe uma possibilidade de que egúngún foi desenvolvido em um culto secreto depois do período Igboho na história dos Òyó. Isto provavelmente foi no fim do século XVI. O povo de Òyó tiveram contatos antes com vários povos ao longo do curso do rio Níger. Estes incluíam os Comerciantes de Wangara, os Songhai e os outros povos fluviais, como os Igala e os Jukun. O povo Òyó que povoou Igboho aprenderam pelas vicissitudes de exílio. Eles tinham vivido com os Borgawa e os Nupe e conheceram as suas instituições políticas e sociais. O povo do lado posterior esquerdo dos Igboho reconstruíam Òyó Orò que teve outras influências. Os comandantes que tinham quebrado conexão com Òyó como resultado da invasão dos Nupe voltaram aceitar a suserania do Alááfin. Estes incluíam os descendentes dos povos do Òba provavelmente. Acredita-se que as pessoas são descendentes dos povos Igbo que foram tirados de Ilé-Ifè pelo grupo de Odùduwà. Muitos deles refugiaram-se entre as determinações dos Òyó e eles tiveram o seu nome de elogio como "Omọ Olóba" (os filhos do Olóbà). Acredita-se que eles espalharam a adoração de Òbátálá para diferentes partes das terras Yorùbá. Eles também acostumaram-se ao uso de mascarados como um meio de disfarce. Se Òyó Orò se estabeleceu firmemente, o Alááfin particularmente Òbámórò, Òbàlókun e Ajàgbó precisaram de meios sobrenaturais para os apoiar. Şàngó tinha sido divinizado. Ele representou o deus protetor da Monarquia, eles, então, precisaram dos espíritos coletivos dos antepassados que eram representados pelos mascarados. Embora os mascarados eram usados pelos Igbo e os Nupe como instituições políticas e sociais e não representavam os espíritos dos antepassados mas interagiu entre os Òyó, os afamados Igbo de Ifè e os Nupe fizeram a incorporação destas instituições no possível sistema de egúngún. O culto era para exercitar algumas funções políticas e sociais dentro da administração de Òyó. Isto provavelmente era como o culto de egúngún originado em Òyó.

A nova hibridação do culto chamada de **Ojè** fez uso das suas conexões variadas e experiências para executar funções políticas, sociais e rituais como será discutido mais a frente. Mas aqui é necessário examinar o desenvolvimento histórico provável do culto. Ele parece ter duas largas divisões dos membros do culto em **Ọyó**. Um grupo encabeçado pelo Alapinni que parece ser relacionado mais ao norte de **Ọyó** e eles tiveram influências do norte no culto. Estes eram as pessoas associadas com Igbóri e outros grupos do norte. Eles eram politicamente mais propensos e o seu líder, o Alapinni tornou-se um membro poderoso do **Ọyómèsi** e o chefe político do culto. O outro grupo parece ser encabeçado pelo grupo de Alagbaa e estes têm a sua relação íntima com o **Ọlóbà** e o **Ologbin**. Eles provavelmente eram moradores da floresta e eles foram inclinados mais ao aspecto ritual do culto. Eles cuidaram da organização dos ritos funerários, desempenhos rituais e entretenimentos de **egúngún**.

Atento ao fato que é impossível ter uma divisão acerrada entre estes dois grandes grupos, a divisão de Igbóri e o **Ogbin** e as divisões do **Ọba**. Havia laços familiares e conexões na comunidade causada por matrimônios de grupos étnicos. Um homem poderia combinar Igbóri e **Ọba** ou **oríkì** de **Ogbin** para formar o seu próprio **oríkì**. Isto é verdade do **oríkì** de outras linhagens, isto explica por que todos os **oríkì** relativos às diferentes linhagens de **egúngún** parece ter muito em comum. Mas nenhum, está claro das várias tradições que a divisão do Alapinni viu nas funções políticas de **egúngún** enquanto a divisão de Alagbaa as funções rituais. Enquanto havia só um Alapinni com a sua base na capital, havia um Alagbaa local em todas as cidades do império. Diz-se que o Alagbaa local está em comunicação com o Alagbaa em **Ọyó** com cumprimentos e aspecto ritual do culto de **egúngún**. De todas as indicações, enquanto havia coordenação de atividades entre o Alagbaa em **Ọyó** e esses nas províncias, o Alapinni teve o seu apoio entre os membros do **Ọyómèsi** e os líderes da mocidade na capital. Na época do **Abiọdun** (1774-1784), as divisões no culto de **egúngún** em **Ọyó** tinham ficado aparentes. A divisão de Alagbaa teve o apoio do **Aláàfin** enquanto o Alapinni teve o apoio opressivo dos membros do **Ọyómèsi** e o **Èsọ** na capital.

Acredita-se que uma competição foi organizada por **Abiọdún** para provar, quem das duas linhagens tinha o controle dos mistérios de **egúngún**. Os **egúngún** da região de Igbóri saíram com pompa e esplendor usando fantasias caras e com grandes partidários. Esta competição particular é descrita no **oríkì** Igbóri. Acredita-se que a região de Alagbaa tenha ganho o dia improvisando **egúngún**. Acredita-se até mesmo que eles tinham-se transformado em postos esculpidos em **egúngún**. Isto é onde a linhagem de Alagbaa é relacionada a **Opó**. Acredita-se então que, o **Ológbìn** um representante do **Ọba**, que se tornou supremo nos mistérios de **egúngún**. Esta tradição sem nenhuma dúvida significa mostrar como **Abiọdún** debilitou o poder do **Ọyómèsi** depois da sua subversão de **Gaa** em 1774. É importante a nota que a idade notável do **Èsọ** do **Abiọdún** teve tratamento esmagado idêntico como **Gaa**, não havia nenhuma dúvida que o seu poder político era completamente esmagado por **Abiọdún**. Poderia ser dito que a revolução que culminou a subversão de **Gaa**, afetou o **Alápinni** e os outros membros do **Ọyómèsi** adversamente. O **Alápinni** então perdeu a sua influência na comunidade, mas isto não aumentou a influência de **Alágbàà** em **Ọyó**.

O culto de **egúngún** espalhou-se com a expansão do império da Velha **Ọyó**. **Ọyó** a relação antes com os **Borgawa** e os **Nupe** tinha sido notável, mas depois do exílio que **Ọyó** tentou trazer os chefes do leste obstinado do reino debaixo do seu controle. Os testamenteiros principais das guerras do **Aláàfin** estavam neste momento em **Èsọ** em **Ikoyi**. As forças do **Aláàfin** só foram repulsadas pelos **Ijèša**. Não há nenhuma maravilha por que o culto de **egúngún** era forte em tais cidades como **Èdè**, **Ọfa**, **Ọyan**, **Iragbiji**, **Ada** e outras que tiveram conexões muito fortes com **Ọyó**. Acredita-se que a influência de **Ọyó** em **Igbomina** não era muito forte como **Atanda** sugeriu, desde **Ila**, os chefes dos quarteirões do reino eram soberanos e a paridade com o **Aláàfin**, mas as tradições em muitas cidades de **Igbomina**, particularmente as tradições de **Omu Aran**, aponta **Esinkin Olomu** como condutor dos outros chefes de **Igbomina** a **Ọyó** antes do tempo de **Abiọdun**. As tradições adicionais que **Abiọdun** fez para **Ọyabi** de **Ajaşè Ipo** o seu **Kakanfo**, porque **Ọyabi** era parente de **Abiọdun**. Desde então, **Ajaşè Ipo** tinha conduzindo outros chefes de **Igbomina** a **Ọyó**. A relação entre o **Aláàfin** e **Ọrangun** poderia ter sido de respeito mútuo, mas o fato que **Ọrangun**

considerou o Aláàfin como o seu irmão mais velho, a tradição de Oduduwa não resistiu,⁵ mostrando que a influência de Òyó em Ila era muito forte.

Esta influência era notável no culto de Egúngún na área de Igbomina. Há tradições fortes que egúngún foi introduzido em Igbomina pelos Òyó, uma tradição diz que egúngún era primeiro usado em Omu Aran para apoiar Esinkin Olomu que estava forçando as pessoas. Então outras cidades obtiveram iniciação no culto de Igbo Igbalè muito perto de Omu Aran. Outra tradição aponta Alaran, um dos fundadores do culto em Òyó, como trazendo o culto para região de Igbomina e o seu povo poderia ser encontrado em Omu Aran, Aran Orin e Arandun. Com todas estas tradições, pode-se presumir que egúngún ẹlẹwẹ, peculiar de Igbomina, era de origem Òyó.

As pessoas de Òyó apresentaram o culto em Ẹgbà, Ẹgbadò, Awòri e Daomé quando Òyó estava no controle desses lugares. Normalmente foram enviados funcionários de Òyó para as províncias para ajudar o Alágbàà local e o Ojẹ na administração dos seus cultos locais. Como Mogbà e Ẹlégún (os sacerdotes de Şàngó) controlavam o aspecto da vida espiritual de Òyó e das comunidades Yorúbá e em essência as suas instituições políticas, sociais e econômicas, assim o Alágbàà e o Ojẹ controlavam outro aspecto. Aparte das funções sociais dos seus cultos nas várias localidades, o Alágbàà e o Ojẹ eram normalmente os agentes do imperialismo de Òyó.

O culto de egúngún tornou-se essencialmente Yorúbá em perspectiva durante o caos que assistiram a queda do Império da Velha Òyó e depois. Onde quer que o povo Òyó povoasse, eles introduzam o culto. Ele apresentou o culto para os Ẹgbádò, para Lagos durante o reinado de Adélé I em 1821. Acreditava-se que o povo de Òyó que fugiu para Ijẹbu no século dezenove pode ter apresentado o culto na cidade de Ijẹbu. A tradição de Ibádàn acredita que introdução de egúngún em Rẹmọ para Oluyole enquanto Ogunba sugere que a cidade de Rẹmọ recebeu egúngún dos seus vizinhos Ẹgbà ainda que o povo de Ijẹbu Igbo recebeu o culto de Ibádàn. O culto foi introduzido em Ifẹ, Ijẹşà e comunidades de Ekiti pelos emigrantes fugidos das cidades do norte que foram abandonados no século XIX. O Oba de cada comunidade achavam o culto uma arma útil para controle político, econômico e social do seu povo.

Soa razoável então sugerir que embora a influência externa poderia ter tido as suas partes para jogar, o egúngún como representante do espírito dos antepassados em Òyó, em origem; que o mistério de egúngún foi desenvolvido em um culto em resposta para as mudanças políticas e sociais na política de Òyó; (nesta consideração, a determinação de Òyó a Igbòho e o restabelecimento a Òyó Orò poderia ser visto na luz de Òyó assimilando outras culturas e as fixando em uns sistemas distintivos de Òyó. Isto significava afrontar os desafios da idade. O culto era usado como uma instituição para controlar os vários grupos de cultura em Òyó e as províncias. Os membros do culto, os Ojẹ, eram os agentes políticos do Aláàfin aparte de lançar a chefia das suas guerras, eles ajudaram a libertar a sociedade do desajuste social, como as bruxas, os ladrões e outros criminosos. Acredita-se que estes eram devorados por Agan. O tipo de controle religioso que os membros dos Ojẹ usavam para a comunidade, acredita-se que tem as sanções ancestrais que era mais firme e mais efetiva que qualquer outra maquinaria governamental de Òyó inovada. Como para isto foi mostrado, que os membros dos Ojẹ também poderiam condenar um mau Oba de qualquer cidade.

Finalmente como foi sugerido, o culto de egúngún foi esparramado a todas as partes do império de Òyó pelo Alágbàà e os membros de Ojẹ do culto como um instrumento de expansão imperial; particularmente no século XVI, XVII e parte do século XVIII. Da segunda metade do século XVIII, até o século XIX quando o império de Òyó estava em tumulto, os Òyó e os seus egúngún espalhavam-se a quase toda parte das terras Yorúbá. Eles introduziram o culto nas suas respectivas novas casas e desde então, egúngún se tornou um culto secreto ancestral Yorúbá.

⁵ Na tradição de Oduduwa, Orangun foi considerado mais velho que o Aláàfin, mas nas tradições em Ila e Òyó mostram que Orangun considerou o Aláàfin como o seu irmão mais velho e o Aláàfin protegeu e o abrigou.

OS APARECIMENTOS ANUAIS DE EGÚNGÚN

O festival de Egúngún anual em muitas cidades normalmente é realizado entre maio e julho, mas na região dos Egbá/Egbádò é entre dezembro e março. Em muitos lugares, os dois primeiros dias são dias de propiciação e oferendas de agradecimento aos antepassados de linhagem. Eles são chamados **Ikúnlẹ** (ajoelhar). Durante o Ikúnlẹ, o indivíduo propicia a sua cabeça e são oferecidos sacrifícios aos antepassados em forma de carneiros, galos, oṣṣe e caracóis. O divertimento continua. Em algumas cidades, no terceiro dia, o egúngún Oba conduz outros egúngún do Igbàlẹ para a cidade. Como foi mostrado, Agan, em forma de um pedaço muito longo de pano, ainda é levado em Itoko Abẹokuta e Ota na noite do primeiro dia do festival. Mas geralmente, nas cidades Oyo Yorùbá, Agan conota um significado mais profundo que o aparecimento anual no festival. Como foi mostrado acredita-se que Agan está além do que o homem pode ver e seu segredo e poder está além do que o homem pode compreender.

Em algumas outras cidades, o terceiro dia é **Igbájá** quando todos os egúngún principais vêm se exibir na frente do palácio do Oba e em alguns outros lugares, o Igbájá é no quinto, sétimo, ou décimo sétimo dia. O Igbájá é organizado para vestir a conveniência local. Em Iwó o Igbájá é no quinto dia, em Omù Aran é no sétimo dia, em Oyo é no décimo sétimo dia, enquanto em Ibádàn os egúngún principais dançaram para o Oba no terceiro dia e para os outros chefes em ordem de graus a datas fixas. Geralmente, depois do segundo dia, cada linhagem teria que organizar com o Ojẹ quando os egúngún da sua linhagem poderiam sair, mas como a aspiração principal de cada linhagem é mostrar a

solidariedade e a importância da sua linhagem na comunidade, chefes de linhagem normalmente pleiteiam com o Ojẹ para lhes dar datas nas quais muitos egúngún não sairão.

A saída do egúngún de linhagem é assistida através da antecipação frenética; o estéril, o doente e aqueles que acreditam que eles estão sendo molestados por bruxas estão ansiosos pela espera de serem abençoados, as esposas das linhagens e as filhas da linhagem que são casadas a outras linhagens (**omọlosu**) são preparadas para compor canções de linhagem e cantos de nomes de elogio de linhagem e realizações de linhagem na sociedade. Os homens da destreza da prática de linhagens dançam passos complicados e complexos, eles também adquirem chicotes feitos de **Atòri**. São feitas faixas decoradas no latido de alguns chicotes, estes são persistidos no santuário Ilérun, mas muitos dos chicotes de Atòri são mantidos para mostrar a exibição principalmente de chicoteamento.

No dia que um egúngún de linhagem sai os tambores de linhagem são reunidos logo cedo no compound do chefe da linhagem, eles começam a tocar o tambor, chamando os nomes e invocando os espíritos dos homens principais falecidos da família. A música peculiar da família e o òrìṣà familiar é invocado. As pessoas não dançam, esta música, é invocativa e meditativa. Enquanto os anciões de linhagem compartilham comida ritual e vestem o egúngún no Ilérun, algumas esposas da linhagem com os tambores de linhagem normalmente dançam ao longo das ruas principais da cidade para anunciar a vinda do egúngún. No seu retorno, em troca, fazem preparação para o aparecimento. Aproximadamente em uma hora sairão os egúngún, os tambores e as mulheres da linhagem se reúnem, tocam tambor e cantam, a música adquire um som muito alto quando o egúngún está a ponto de sair. Alguns homens podem estar dançando à música enquanto alguns podem estar chicoteando uns aos outros. Com a aproximação do egúngún, pessoas que precisam da sua bênção ajoelham-se com os seus presentes e o egúngún os abençoa. Em alguns casos, é borrifada água ritual em todos os membros da linhagem. Antes da procissão começar pela cidade, o egúngún chama aos sepulcros os homens passados principais nos rituais familiares que pode ser feito em um ou alguns dos sepulcros.

Quando o egúngún está fora do compound, muita exibição de danças são realizadas pelos egúngún e os seus ajudantes.

Espera-se que o egúngún de linhagem visite as casas dos seus parentes, homens e mulheres, os abençoam e recebem presentes. Também é esperado que o egúngún e os membros da linhagem exibam passos de dança complicados e complexos em formas específicas, particularmente na

frente de um grande compound, na feira, nas ruas principais, nas encruzilhadas e na frente do palácio.

Qualquer egúngún de linhagem é avaliado pela qualidade do tocar do tambor e a força das mulheres de linhagem levando vassouras para varrer o caminho do egúngún que está relaxando ou está descansando no compound de um parente. As pessoas são muito críticas sobre a qualidade dos passos de dança do egúngún e os seus ajudantes, ou, além, a resistência varonil exibida pelos homens da linhagem chicoteando uns aos outros. Finalmente, o egúngún pode, em muitos casos, levar mais do que um dia para executar a sua excursão.

O egúngún de linhagem normalmente é adornado com fantasia. O artigo do vestuário interno que cobre o corpo inteiro é chamado **Ẹku**. Em cima deste têm normalmente tiras matizadas feitas de panos caros costurados junto ao topo. As tiras são conhecidas como **Lebe**. O número e volume de tiras costuradas descrevem a riqueza e afluência da linhagem. De fato o bem-para-fazer os membros da linhagem têm como um dever de doar tal despoja para ajudar o chefe da linhagem. Em cima das tiras menores normalmente feitas de couro decorado ou bordado de pano são amarradas em volta do pescoço. Isto também é feito normalmente em multicolor. Normalmente há uma máscara a ser usada para cobrir a cabeça e em cima da face é costurado a uma máscara de cabeça bonita esculpida em madeira. A máscara de madeira pode representar a exibição da cabeça as marcas faciais da linhagem, ou um animal totêmico ou um pássaro sagrado à família. Às vezes, a escultura pode ser uma cabeça feminina com o cabelo tradicional. Algumas linhagens não usam máscara de madeira. Eles preferem coser círculo as tiras bonitas de cabeça feitas de material de veludo caro. A máscara completa apresenta uma paisagem esplêndida e quando a máscara é usada, dança-se com ela, as tiras matizadas em volta do corpo sopra um vento ao contrário em cima da parte interna da máscara.

A saída do egúngún de linhagem particularmente durante o Igbaja apresenta um espetáculo colorido. A primeira coisa a ser notada é a mistura das várias cores e o artesanato artístico nas várias linhagens que compõem as comunidades incorporadas. Esta identificação é muito importante para reconhecimento social e político de um homem. O mais incorporado e a união de uma linhagem é, mais fácil para os membros adquirir os pretendentes, como matrimônio na terra Yorùbá é mais de uma união de duas linhagens em lugar do marido e esposa. A excursão do egúngún de linhagem é um dos modos Yorùbá de mostrar a solidariedade das suas linhagens diferentes.

Uma cena bem-vinda e divertida durante o festival de egúngún é o aparecimento dos egúngún de crianças pequenas conhecidas como **Kunduke** ou **Tobolo**. Enquanto são concedidos à estes egúngún de crianças respeito como o egúngún dos anciões, eles não são vistos com temor. Eles são seguidos por crianças pequenas e eles podem estar usando um ou dois tocadores de tambores **Kannango** que batem os tambores falantes para eles. Eles continuam a implorar dinheiro e rezar para as pessoas. Os aparecimentos destes egúngún mostram a convicção dos jovens e velhos Yorùbá no céu que é considerado como superior aos seus sobreviventes na terra em assuntos espirituais. Isto é descrito nos versos seguintes do oríkì Igbòri:

Wọn ni Onigbori wọn ko lagba.
Wọn ko lagba.
Gbogbo wọn ni nje bàbá.
Omọ a je bàbá ma j'arugbo.

É dito que as pessoas de Igbòri não têm nenhum ancião
Elas não têm nenhuma antiguidade em graus de idade
Todas elas são chamados 'pais'
Elas são chamadas 'pais' contudo elas não são velhas.

Ainda há outros egúngún peculiares em algumas partes das terras Yorùbá. Eles são do tipo que tem as suas excursões à noite quando se espera que todo mundo esteja na cama. Os mais importantes deles são **Lagbookun** e **Panpata**. As suas faces não devem ser vistas pelos homens ordinários e mulheres. Os egúngún não são acompanhados por qualquer pessoa excluindo o seu trompetista que sopra um tipo de chifre para cantar em elogio do egúngún. O som estridente do trompetista faz as pessoas tremerem até mesmo nos seus quartos. Os egúngún usam alguns metais e levam um bastão de metal que tinido produz uma atmosfera de temor e medo. Os egúngún respondem ao elogio do trompetista com a fórmula ocasional "*O şeun*" (obrigado). Quando o

egúngún chega à frente de um compound, ele chama o nome do chefe do compound, reza para ele e lhe pede que saia de costas com os presentes. O chefe do compound tem que sair de costa, porque ele não deve ver o egúngún cara a cara. Ele apresenta qualquer presente jogando-o ao chão e volta. O egúngún lhe agradece e segue para outro compound.

O **Egúngún Alare** (o egúngún artista), também conhecido como **Agbegijo** (aquele que dança com objetos de madeira esculpidas) ou **Alarinjo** (aquele que continua a dançar) é um egúngún profissional entre os Ọyọ. Eles são livres não só para aparecer durante os períodos festivos mas ao longo do ano. Enquanto os outros membros dos Ọjẹ têm outros meios de sustento, os egúngún artistas vivem essencialmente entretendo as pessoas. Eles normalmente aparecem na frente do palácio do Ọba, mercados e outros lugares abertos para os membros do público. Eles dançam ao toque dos tambores bata ou dundun com cantos poéticos Iwi. Eles são os especialistas em vários toques de bata e dundun e os cantos Iwi. Mais que isto, eles compõem canções em eventos contemporâneos em letras e em linhagens diferentes na comunidade. Eles organizam exposições acrobáticas e executam alguns truques como se eles estivessem executando magia. Eles fazem as pessoas acreditarem que eles estão se comunicando com o mundo dos espíritos. Eles imitam tipos diferentes de pessoas e objetos, caçadores, imbecis, prostitutas, estrangeiros brancos com os seus narizes em pé abraçando um ao outro em público, macacos, jibóia, tartaruga. Eles normalmente expõem a ruína da sociedade em drama. Como eles mudam de cidade para cidade e executam os seus jogos eles normalmente são os convidados dos Ọjẹ em toda cidade para a que eles adquirem. O anfitrião Ọjẹ, em consulta com o Ọba em conselho, planeja os desempenhos e é determinado uma porcentagem do que é coletado no espetáculo. Mas em alguns lugares em Ẹgbado, particularmente em Ilaro, o Egúngún Alare é uma parte integrante de culto do egúngún. Eles não usam os seus desempenhos como um meio de sustento como outras companhias de artistas profissionais podem fazer.

AS FUNÇÕES DE EGÚNGÚN

O egúngún é baseado na linhagem e a linhagem é a raiz das atividades econômicas, sociais e políticas Yorubá. Assim um homem depende da terra de linhagem para as suas atividades econômicas e depende dos anciões de linhagem para o patrocínio e para adquirir uma cōnjuge e a linhagem apoia para adquirir a recomendação para qualquer serviço político. O fato é que acredita-se que a linhagem é uma comunhão dos antepassados e os seus sobreviventes na terra e que os antepassados são como os cães de guarda da moralidade da linhagem fazendo o compulsório para todo membro da linhagem promover a boa imagem da linhagem.

Como foi dito antes, o chefe da linhagem é o sacerdote dos antepassados e então um membro do culto de egúngún. Em virtude desta sociedade ele ganha algum reconhecimento religioso e político do Oba que depende do seu grau no culto. O Oba poderia depender então do apoio dos chefes de linhagem pelo **Alagbaa**, a chefe ritual do culto de egúngún. Como já foi mostrado, o corporativismo de cada linhagem e a sua lealdade respectiva para o Oba são vivamente demonstrados durante o festival de egúngún quando o egúngún de linhagem têm que prestar homenagem publica ao Oba. Nesta sensação, egúngún é um instrumento de apoio popular premiado para o Oba.

O Oba como o chefe da sociedade deveria ter um egúngún. O egúngún do Oba normalmente conduzia as forças de Oyo em guerras. Este tinha que infundir nas forças de Oyo a confiança que eles tiveram o apoio sobrenatural dos antepassados nas suas guerras. Alakoro o egúngún Sàngó que acredita-se que é um egúngún. Existem tradições que alguns Aláàfin usaram máscaras de egúngún em momentos de crise. Acredita-se que Atiba tenha conduzido as suas forças em Epo na sua máscara enquanto Oluyole de Ibàdàn também usava a máscara de seu egúngún em guerras. Adéyemi I, 1875-1905 arrogou-se o nome de elogio:

Adéyemi Omo Mohuru
Eegun gbõnri a sa.

Adéyemi o filho do mascarado Mohuru
A máscara treme na sua cabeça e as pessoas fogem.

É bom notar que o Oba usa egúngún para reivindicar o poder sobrenatural e a invencibilidade.

O Oba através do Alagbaa tem o apoio da sociedade usando os maus espíritos através do egúngún. Este tipo de egúngún é chamado **Alagbo** (o portador de ervas), ou **Eleru** (o portador de carga). Acredita-se que tais egúngún são capazes de satisfazer, propiciar e lançar maus espíritos na sociedade. Tais egúngún em Gbõngan e Ipetumodu são chamados **Kanmoloolu**. Em Ibàdàn são chamados **Oloolu**. A convicção no poder de tais egúngún e tem efeito, o culto de egúngún reforça a convicção que o Oba pelos seus agentes, tem poder ritual em cima dos espíritos.

Jenju, o egúngún que acredita-se que é o Alapinni mata as bruxas pelo poder de Agan. Ao contrário em Abeokuta e Egbado onde Agan conduz outro egúngún à cidade de Igbalé na noite de Ikunlè (ajoelhar). Acredita-se que Agan é invisível em Oyo e que é um poder simbólico com que os egúngún matam as bruxas e fazedores de mal. Quando a máscara de Jenju tem a sua excursão, ele simbolicamente corre para o mercado para caçar as bruxas mas como foi mostrado antes, a acusação de bruxaria é rara em Oyo como resultado do trabalho líquido da organização do palácio, não obstante o aparecimento de Jenju adverte os fazedores de maldade do qual o mascarado representa.

Qualquer indivíduo ou grupo de pessoas que têm habilidades especiais deveriam colocar as habilidades à disposição do Oba e a sociedade. Isto é por que o grêmio de caçadores e herbalistas são úteis à comunidade. O grêmio de caçadores Ode coletivamente atua em avanços, exploradores das guerras e eles são os guarda-noturno da cidade. Em virtude de estar perto da natureza e da vida selvagem, eles são considerados duros e peritos no uso de ervas. Existem tradições importante sobre a sociedade que é o conhecimento dos herbalistas. Eles são necessários para os homens militares. A presença de tal egúngún no campo de batalha normalmente infundiu confiança nas forças.

O desenvolvimento mais importante do egúngún é o envolvimento da mocidade nas máscaras egúngún se não no culto. Aproximadamente uma semana antes do festival, toda mocidade capaz na sociedade ocupa-se cortando e levando chicotes que seriam usados durante o festival da cidade. Entre quatro e sete horas da tarde durante o festival, quase toda a mocidade reúne-se na frente do palácio para exercitar o açoite. Alguns deles podem aparecer com máscaras. Mas com máscara, açoitar é normalmente indiscriminado.

Estes exercícios de açoite podem ser vistos como selvagem, mas para a sociedade, o espírito com que esta mocidade agüenta o açoite é considerado sobre-humano. O poder de tal resistência é determinado pelos antepassados e a comunidade precisa de tal poder sobrenatural particularmente na sua mocidade nos tempos de guerras. Estes exercícios de açoite são treinados no solo então para a seleção de líderes futuros de guerra. Além disto, como o egúngún da mocidade reúne toda a mocidade de várias linhagens, lealdade de linhagem separadamente, a mocidade se vê como membros da mesma comunidade e têm a responsabilidade de defender e proteger a comunidade.

Como resultado destes exercícios de açoite, alguns homens emergem normalmente como líderes da mocidade. Espera-se que estes tenham o seus egúngún. Tal egúngún será seguido por toda a mocidade no seu quarto ou a comunidade inteira. Estas mocidade levam chicotes e em lugares específicos, o egúngún inicia açoitando as pessoas ao seu redor, o lugar inteiro é transformado imediatamente em um campo de batalha. A natureza bélica da música e as mensagens incitantes enviada pelos tambores falantes ao egúngún e os seus seguidores os esporeia para ações mais agressivas e descontroladas.

O ponto mais importante que deveria ser notado no **Egúngún Oloṛẹ**, **Egúngún Oloogun** e **Egúngún Oḍẹ** é que os donos normalmente não são os membros do culto de egúngún, e, então, as suas atividades não são sujeitadas através do controle de linhagem considerando que eles são leais às suas linhagens individuais. Isto também mostra que eles não são sujeitados ao controle de ritual do Alagbaa e do Oba. A sua importância na sociedade é percebida e são escolhidos dias especiais para as suas aparições durante as quais nenhum egúngún deveria sair.

A implicação política disto é aparente. O Oba não tem nenhum poder ritual sobre os líderes das mocidade para apoio político como ele tem em cima dos chefes de linhagem. Também é plausível sugerir que estes líderes de mocidade desenvolveram no sistema de **Ẹsọ** durante o período imperial e muitos deles apoiaram o Alapinni, o Başorun e o Oyoṃesi contra o Aláàfin. Como já foi apontado antes, divisões no culto de egúngún durante o tempo de Abiḍun é documentado bem em tradições de egúngún e a competição pretendeu ser organizada por Abiḍun para mostrar que controlando o culto entre os partidários do Alagbaa e os partidários do Alapinni, a ajuda era uma expressão do modo que o Abiḍun debilitou o poder político de não só o Alapinni e os membros do Oyoṃesi mas também o Ẹsọ na capital.

Enquanto as funções políticas do culto de egúngún encolheram na capital durante e depois do reinado de Abiḍun, os líderes das mocidade nas várias cidades do império se tornaram líderes de guerra que organizaram guerras ofensivas e defensivas para economizar as suas várias comunidades de destruição eventualmente. Desde a velha ordem, o Aláàfin e o conselho do Oyoṃesi não pôde achar solução para os problemas do império que precipitadamente vagueou a sua queda, a nova raça de guerreiros se tornou uma força a ser considerada. Tais homens como Atiba, Kurunmi, Oluyole, Olubḍun e outros anfitriões ficaram dominantes nas suas várias comunidades, não por causa da sua conexão com a realeza ou a nobreza da Velha Oyo. Mas eles se tornaram regras por causa das grandes mocidade que reavivaram as funções políticas e militares de egúngún nas suas várias comunidades. Em soma, enquanto a organização de egúngún é linhagem fundada, levando em conta os interesses de vários grupos na sociedade. É um mecanismo pelo qual vários grupos com interesses variados fazem as suas contribuições individuais à sociedade. Também é um mecanismo de trazer os vários grupos efetivamente na sociedade debaixo de um controle governamental.

LINHAGENS DE EGÚNGÚN

Os Oríkì das principais linhagens de egúngún estão no término desta brochura como referências. Porém, o seu âmbito é mais que isto. Estes Oríkì, são recitados ou são cantados com a família ou credos de linhagem. Os Oríkì geralmente são os principais vínculos que ligam todas as filiais da linhagem. Todos os membros da linhagem podem não ser membros da sociedade de egúngún, mas eles têm o credo de linhagem que é igualmente sagrado para eles.

Espera-se que toda esposa da linhagem memorize o máximo possível de oríkì de linhagem. Cada uma delas recita a parte que elas sabem sempre que a sua criança está chorando ou está doente. Isto é significa vida e vigor na criança doente e suavizar a dor da criança. As mulheres mais velhas na linhagem recitam o oríkì para saudar os membros mais jovens. Isto significa inspirar tal membro de linhagem para ações nobres. Nos festivais e nas guerras, as mulheres recitam o oríkì de linhagem para invocar os espíritos dos antepassados para apoiar o seu sobrevivente na terra.

Além das mulheres de linhagem, grupos musicais incorporam o oríkì de linhagem diferente na sociedade no seu tipo de música. Os caçadores e adoradores de Ògún recitam oríkì de sua linhagem o ijálà. **Eléégúngún** (os donos de egúngún) recitam oríkì de linhagem no seu Èsà. Oniàngó (os adoradores de Şàngó), Òlòya (os adoradores de Oya). São mostrados totem de linhagem e tabu no oríkì, por exemplo, as pessoas de Òjé não devem comer **Egà**⁶ (o pássaro tecedor) e as pessoas de Ikòyí não deveriam comer **Okété**⁷ (rato inclinado). O macaco vermelho é um animal de totêmico para pessoas de Igbórí⁸ como o cachorro é sagrado às pessoas de Òjé⁹.

Para muitos Yorùbá, **Oríkì Idilé** (oríkì de linhagem) como Igbórí, Èşó, Òjé é nada além de **Orò Ilé** (rito de linhagem) no qual espera-se que todo membro da família participe. Cada uma da linhagem principal tem seu rito e oríkì característico por isso seu desejo de espaço não podem ser tratados aqui. Com as linhagens de egúngún principais, como Igbórí, Òbà, Ogbín, Adafà, Şóngbe, Èfí, Ogbojò, Ojówón, Aran e Olukolo, o tabu, totemismo e rito de linhagem é idêntico com os outros. O rito de linhagem normalmente é executado nos festivais, nascimento e enterro de um membro da linhagem. Com as linhagens de egúngún, os ritos de enterro são os mais importantes. Se o defunto fosse um membro do culto de egúngún, ou um artista de egúngún profissional, mascarados de egúngún supervisionariam a lavagem do cadáver e vestiriam o cadáver a rigor. O cadáver teria de usar meias e luvas de egúngún como uma marca de honra. O caixão poderia ser feito de madeira como o caixão moderno, mas antigamente um tronco de madeira era cavado como uma canoa com cobertura e normalmente era usado como caixão.¹⁰ Este era para simbolizar a conexão das linhagens de egúngún com o rio. Em alguns casos o caixão de madeira não era usado mas, uma cesta feita de vime tecida convenientemente de tal modo sobre o cadáver. A cesta normalmente era tecida com o capim elefante.

Uma folhagem muito longa da palmeira ou um talo longo do capim elefante são usados para medir o cadáver e o tamanho do sepulcro que normalmente é cavado dentro da casa. A área a ser coberta pelo sepulcro é normalmente primeiro forrada com efun, osun e carvão. Uma faca nova é usada para marcar a linha depois da qual uma galinha é estrangulada, o sangue é usado para enfileirar a área que foi marcada pela faca.

⁶ O voo incomum e o canto dos pássaros tecedor advertiram a cidade de Òjé do perigo iminente, assim eles foram preparados para os seus inimigos. As pessoas de Òjé acreditam que os pássaros tecedor poderiam ser capturados da cidade deles.

⁷ O rato inclinado é usado pelas pessoas de Ikòyí como um encantamento de guerra.

⁸ Acreditava-se que as pessoas de Igbórí eram de descendência biológica do macaco vermelho.

⁹ Acredita-se que o cachorro é o companheiro íntimo das pessoas de Òjé. Quando qualquer corpo de exército de òjé está vestindo a pele de um cachorro deve usá-la o mais perto do corpo possível antes de outras roupas e outro material que envolva o seu corpo.

¹⁰ Este tipo de caixão normalmente eram usados pelo grupo de carpinteiros chamados Opomulero Ajibogunde e Olojowon. Diz-se que eles são relacionados às linhagens de egúngún.

São usados os pedaços quebrados da cabaça para bater o sepulcro; folhas verdes de **Elú** (planta indigo), é batida para esfregar o sepulcro e as cabeças dos animais podem ser usadas. Depois do processo, são levados a galinha morta e os pedaços da cabaça para o riacho. Os que levam, cantam oríki de linhagem. Eles se lavam e a galinha no riacho e então ao retorno para casa cantam o Oríki para cozinhar a galinha. Eles não devem olhar para trás no seu retorno do riacho. Só aqueles que ajudaram no polimento do sepulcro podem comer da galinha e deve-se ser comida de uma vez.

Há outros ritos que estão associados com obséquias funerária. Em alguns casos no sétimo ou o vigésimo-primeiro dia há o ritual de quebra de cabaça para o defunto se separar para sempre da linhagem. Esta cerimônia, porém, não é tão elaborada como **Ipa Ode** (a separação de um caçador morto dos seus colegas terrestres). Também há a separação ritual de uma mulher morta das suas camaradas quebrando os seus utensílios de arte culinária e os seus pertences pessoais ritualmente perto do rio. Estes não estão inconexos com a convicção que o primeiro Onígborí morreu no rio e os espíritos dos mortos habitam o lado do rio.

Ainda há outra separação ritual de uma mulher morta das suas crianças e parentes. É suposto que os utensílios de cozinha eram precisos pela mãe morta no céu neste rito, seria provido. Estes incluem, um forno térreo pequeno com três pontos para a ocasião. De fato o rito deriva seu nome deste forno, **Aaro**. Uma panela culinária pequena nova, uma cabaça nova com tampa, um prato novo, colher, uma bolsa pequena com alguns búzios e tais coisas que as crianças sentem que a sua mãe precisaria no céu. A panela nova é colocada no forno novo e um pretende fogo é feito dentro do forno. Ingredientes de uma sopa é posto dentro da panela para cozinhar. É removida do forno e a panela de sopa depois é posta dentro da cabaça. Uma cabra pequena é sacrificada, a cabeça da cabra também é posta dentro da cabaça. A cabaça é coberta então e o sangue da cabra é esfregado em cima da tampa da cabaça. A cabaça é embrulhada agora com pano branco e pronta para ser levada ao Igbo Igbalè (a floresta de Egúngún), ou a margem de um rio.

O ritual **Aaro** normalmente é levado por um egúngún ou uma mulher estéril na falta de filhos. Acredita-se que quem leva tal ritual '**Aaro okú**' seria abençoado depois com filhos. O **Aaro** normalmente é acompanhado com música. Os filhos do defunto levam rabo de cavalo muito longo batendo que eles usam para dirigir quem levar a cabaça. Eles cantam o oríki de linhagem e canções de lamentos seguindo com cabaça para a floresta.

Os membros do culto egúngún deveriam estar na floresta de egúngún (Igbo Igbalè) horas antes do portador de **Aaro** ter partido da casa do defunto. Dentro da floresta eles se satisfazem com comida e bebida. Eles preparam um mascarado que se assemelha à mãe morta. O homem que estará dentro da máscara deverá ser da mesma altura da mãe morta. O egúngún será vestido como a mãe morta se vestia. O homem dentro da roupa tenta imitar o jeito, andadura e o comportamento geral da mulher morta. O ritual é o único egúngún feito para representar uma mulher em **Ọyọ** na sociedade Yorùbá. O egúngún não é necessário ser adorado como um antepassado e depois desta cerimônia o egúngún não aparecerá novamente no nome daquela mulher.

Como os portadores do chumbo **Aaro**, as crianças e parentes das mulheres mortas batem na entrada da floresta, advertindo os membros do culto dentro da floresta. Eles se movem de dentro da floresta para a entrada da floresta. Um homem ancião **Ọje** ou um egúngún chama o nome da mulher morta, cada vez golpeando o chão com um chicote de atóri. A primeira vez em ele chama o nome da mulher morta que ele diz com um tom doloroso longo:

Adétoun oooo, o di ẹ̀lẹ̀kini ti mo pe ọ ọ
Bio o o ba daun, od'ogbingin
O d'oyo
O d'alaamu ti nje l'egbe ogiri.

Adétoun oooo, esta é a primeira vez que eu te chamo
Se você não me responde agora¹¹
Você se tornará um pássaro noturno terrível
Você se tornará uma coruja e você se tornará um lagarto
que rasteja ao longo da parede¹².

¹¹ Ninguém alguma vez reivindicou ver Ogbingbin. Acredita-se que é um pássaro terrível e acredita-se que se muda à noite. Não é esperado que o pássaro atravessasse qualquer aldeia ou cidade. Se os aldeões ouvirem a voz chorona terrificada, a aldeia seria abandonada por medo de epidemias e outros infortúnios.

¹² Se o ritual é aceito, acredita-se que o espírito de falecido deixará o plano em forma de um animal com benevolência dos antepassados.

Há grande silêncio a chamada, as pessoas vêem a ansiedade corajosa nos olhos dos parentes da mãe morta. A segunda vez ele golpeia o chão com o chicote de atóri e chama o nome da mãe morta mais alto que a primeira e repete as palavras citadas acima. Ainda há silêncio e os parentes da mãe morta, mais que antes estão ansiosos. Com a terceira chamada, há uma voz pequena é ouvida da parte interna da floresta. Há jubilação que a mãe morta se mostraria a eles em forma de um fantasma. Eles então, começam a cantar o oríkì de linhagem. Eles pedem que venha buscar o ritual preparado para ela levar para o céu.

Alguns membros do culto dentro da floresta seguem o egúngún da mãe morta para conhecer os seus parentes dançando aos passos de uma música solene suave. A multidão recebe o egúngún com a devida referência e pede para receber o ritual preparado para o seu lugar no céu. Eles continuam cantando o oríkì de linhagem. O egúngún recebe o ritual (Aaro) e dança atrás da parte interna da floresta com alguns membros do culto. O ritual normalmente é colocado no lado de um rio que flui pela floresta. Eles dançam para conhecer a audiência que agora está jubilando que a sua mãe morta aceitou os seus rituais e veio, então, os abençoar. Com jubilação, os membros do culto de egúngún e uma grande multidão seguem o egúngún para a casa do defunto. O egúngún abençoa todos, conta o segredo que os parentes devem saber e então desaparece no Ilérún (o santuário familiar).

Como para os homens e para os membros do culto de egúngún o ritual de separação é ligeiramente diferente.¹³ O ritual para homens está associado com a fazenda e produtos da fazenda. Em muitos casos, é no santuário familiar, em lugar da floresta da cidade, o egúngún do pai morto é convocado. O processo de chamada é igual ao Aaro para a mãe morta. O egúngún dos que saíram podem ser um egúngún novo trazendo o pai morto ou se o pai morto não fosse velho bastante ou muito importante para ser considerado como um antepassado, pode sair um dos egúngún dos antepassados de linhagem. Mas normalmente é considerado que é o fantasma do homem morto que agora aparece em forma de egúngún. O egúngún reassegura as suas pessoas da hora sua constante em cima deles e os seus dependentes. Ele elucida as dúvidas sobre as circunstâncias que conduziu à sua morte e lhes conta o que ele espera da família.

Em muitos casos, o egúngún terão que conduzir as suas esposas e parentes para a 'fazenda' durante a última vez. Isto é chamado **Isunkun roko okú** (lamentando para a fazenda do homem morto). O ritual deriva seu nome do lamentar das esposas. Eles estão lamentando o luto e lamentando de fato e cantando o oríkì de linhagem do seu marido morto, tem que dobrar as suas mãos para o seu tórax como eles seguem o egúngún para a fazenda. Antes do egúngún e a sua companhia deixe a casa, são feitos montes para o número das esposas e o inhame colhido da fazenda do homem morto é plantado em cada monte. O egúngún conduz as esposas aos montes, cada posição na frente de um monte.

Depois de muita prece, as esposas são feitas exumar o inhame em cada monte. Este é o último presente do seu marido falecido. Eles seguram-no rápido como eles vão e cantam o oríkì de linhagem em casa. Em casa desaparece o egúngún e as esposas continuam o seu luto.

Em alguns lugares o propósito do egúngún que conduz as esposas e parentes do defunto para a fazenda é distribuir as esposas e outras propriedades do defunto entre os seus filhos e parentes. Os filhos e parentes que foram assinalados por herdar as esposas são de preparar os monte e plantar o inhame. As esposas deveriam ser contadas quem fez o monte do qual ela está na frente. O pronunciamento sobre a distribuição das esposas e outras propriedades do defunto pode ser feito ali, ou pode ser implicado. Se quaisquer das esposas ou os filhos, ou quaisquer dos parentes que não esteja satisfeito com a distribuição, uma emenda é feita em casa ao sepulcro do defunto. Com todos os membros da montagem familiar e alguns membros do culto de egúngún em frequência, é alcançada uma determinação final e isto é ratificado dividindo obì e cantando o oríkì da linhagem e então a assembléia dispersa.

¹³ O ritual de separação do culto de egúngún é diferente de Ipa, o ritual de separação de grêmio de membros e os rituais de morte de tais linhagens como Ojẹ, Erin, Opo são ligeiramente diferentes dessas linhagens de egúngún.

Isto claro que, não significa que tudo que é herdado poderia ser levado neste momento. As esposas ainda estão lamentando e nenhum homem tem que pegar o seu. Buscar o luto que qualquer pessoa pode levar possessão de qualquer pessoa a herança.

As viúvas do defunto ainda estão em prisão como foi mostrado e isto pode durar quarenta, ou noventa dias ou até mesmo seis meses. Durante o período, as mulheres tem os cuidados do sepulcro do seu marido morto. Eles pulem-no todo cinco dias cantando o oríkì da linhagem e elas decoram a parede do sepulcro com pinturas e o sepulcro com búzios e pratos. Os parentes e filhos do falecido cuidam daqueles que herdariam quaisquer das viúvas em quem eles estão interessados; mas o interesse não deve ser feito em público e a relação não deve ser íntima. Quaisquer das viúvas tem o direito para evitar as aproximações de quaisquer dos parentes ou filhos.

O rito final é executado com a vinda para fora das viúvas. A excursão indica que o período de luto terminou e que eles podem se mudar agora como mulheres. Aparte das festividades que assistem a cerimônia, as viúvas saem para fora no seus melhores, provavelmente, panos especiais tecidos para a ocasião. Elas visitam todos os parentes do falecido ou cantando o oríkì de linhagem como eles. São esperados que os parentes visitados lhes dêem presentes em tipo e em dinheiro vivo. À noite daquele dia, ou a qualquer hora fixada para a ocasião, a distribuição formal das viúvas e outras propriedades do defunto é organizada. Muito vezes em alguns lugares são postas varas de mastigação de cada dos homens para levar as viúvas em cabaça. Cada uma das viúvas é contado para o dono da vara de mastigação e que cada uma deveria escolher qualquer cada uma que queira. Mas em alguns outros lugares, os anciões fazem a distribuição. Eles puseram a vara de mastigação em uma cabaça e enviam-na à viúva e lhe fala que a vara de mastigação pertence a Sr. X, o filho ou irmão do seu marido morto e que Sr. X será agora o seu novo marido.

Em muitos casos este rito é justo uma ratificação de um segredo aberto mas, em algumas outras ocasiões, uma viúva pode rejeitar a oferta de um novo marido ou ela pode contar para as anciãs a sua escolha, ou ela pode decidir não re-casar. A viúva concorda na casa contanto que a família não suspeite o seu movimento com outro homem fora da família; mas se ela quer re-casar fora da família, ela tem que se divorciar e se mudar.

Todas as cerimônias rituais discutidas acima são essas de linhagens de egúngún e os rituais são organizados pelos membros do culto de egúngún. É bom declarar que todos os membros da linhagem de egúngún são os membros do culto de egúngún. Há as pessoas que devem executar os rituais de egúngún necessários em virtude da descida do seu familiar, mas que não são os membros do culto de egúngún; e há as pessoas na sociedade que pertence a outras linhagens como Opo, Erin, Ofa, Oje, mas é estupidamente envolvido no culto de egúngún. Como cada destas linhagens tem seus ritos de linhagem particularmente em nascimento e morte, eles aderem aos rito de sua linhagem mas eles normalmente completam estes por alguns rito de egúngún como eles acham necessário. Isto é por que são difundidos rituais e rito associados com enterro na terra Yorùbá assim e diverso.

Depois que as cerimônias funerárias hajam terminado, o sepulcro do falecimento não é abandonado. É constantemente polido. Os festivais e sempre que qualquer membro das necessidades familiares para consultar o espírito do antepassado para ajuda, são executados rito no sepulcro e sempre que qualquer rito é executado, o oríkì de linhagem é o veículo de serviço. Isto é por que o oríkì de linhagem é unido com os rito de linhagem e isto é considerado o credo de linhagem.

ORÍKÌ ÍGBÓRÍ

Oní gbórí ọmọ Kúlódò
Ọmọ Kúlódò Awùbí
Ọmọ Kúlódò Awùsi Èyò
Ọmọ ikú kan ní bẹ lódò tó ti Ìgbórí wá

Taa ni n sọ pé Oní 'gbórí kò lódò?
Wípé omi ikú ni wọ̀n ọ̀n?
Taa ló ni Àasà?
Taa ló ni Èkọ̀rọ?
Taa ló ni Dòbòdé omi Ìpákùn?
Taa ló ni Afúnlélé omi Ayaba?
Dòbòdé kò dé ni lẹhin ẹ̀sẹ̀ mọ̀
È w' Afúnlélé bó ti n tú Ayaba laṣo

Èrò Ìgbórí ọmọ Kúlódò Awùbí.
Ará Ìgbórí ọmọ Kúlódò Awùsi Èyò.
Wọ̀n ní, Oní'gbórí wọ̀n kò lágba.
Wọ̀n kò lágba.
Gbogbo wọ̀n ní n jẹ̀ bàbá.
Ọmọ a jẹ̀ bàbá má já́rúgbó.
Ará Ìgbórí ẹ̀ kú makọ makọ Àpínní.
Ará Ìgbórí, níbití ó kò dí rẹ̀ sí.
Èrò Ìgbórí níbití ó kò dí rẹ̀ lẹ̀.
Èni ara kan tí jijó awo.
Mo bá wo tó, mo bá wo pé.
Mo báwo pé mọ̀ pe ní sọpa.
Ọmọ arùkú rojà má tà.

Òkú taa gbe rojà tí ò tà

A gbóòkú oún padà wálé.
O wáá yóyóyó.
O yó kubí ọkinni.
Ọkinni nááá wá ní bẹ̀ lẹhin Òrìṣà Àkìrè.
N ni àwọ̀n Mọ̀lúfọ̀n Adé fí n ẹ̀ iwiin bọ.

Ará Ìgbórí ni ọmọ ọ̀ṣin lójúde Ìjan.
Ọ̀sàn rẹ̀-rẹ̀-rẹ̀ lójúde Ìwòyè
Àràbà tengbà-tengbà lójà Sọ̀ngbé.
Ìdí igbá lojà.
Sọ̀ngbé nilé.
À jólù játé.

Sọ̀ngbé n nilé.
A jólù gberin.
A jó kósó a járo.

Nínú èèwọ̀ tí wọ̀n n wọ̀ nilé Ìgbórí

Oní gbórí filho de Kúlódò¹
O filho de Kúlódò Awùbí
O filho de Kúlódò Awùsi Èyò
O filho de um homem apelidado "há um espírito do morto" no rio que veio de Igbórí.
Quem diz que Onigbórí não tem nenhum rio?
Que eles bebem água da água da morte?
Quem é o dono de rio Àasà?
Quem possui o rio Èkọ̀rọ?
Quem possui Dòbòdé o rio de Ìpákùn?
Quem possui o sempre água clara do rio das rainhas?²
Rio Dòbòdé é agora profundamente só alguns metros.
Veja como sempre o rio limpo quase torna a rainha desnuda.

Moradores de Ìgbórí, filhos de Kúlódò Awùbí.
Cidadãos de Ìgbórí, filhos de Kúlódò Awùsi Èyò.
É dito que as pessoas de Ìgbórí não têm nenhuma anciã.
Elas não têm nenhuma antiguidade em graus de idade.
Todas elas são chamadas "os pais".
Elas são chamadas "os pais" contudo elas não são velhas.
Eu o saúdo as pessoas da maneira que se saúda o Àpínní.
Nativo de Ìgbórí têm lugares para viver.
Moradores de Ìgbórí têm lugares para viajar.
É agitando a cabeça que dança a música de egúngún.
Eu sou associado aos membros do culto de egúngún.
Eu sou um membro do culto de egúngún e de Ọpa.
O filho daqueles que levaram um cadáver para vender no mercado mas que ninguém quis comprar.
O cadáver que foi levado para o mercado que ninguém comprou
Foi levado para casa.
Ele começou a dissolver gradualmente
Até que foi reduzido ao tamanho de uma agulha.
Os restos estão agora no santuário do Òrìṣà Àkìrè.
É a sobra que os filhos de Mọ̀lúfọ̀n Adé adoram como a sua deidade.
Há uma árvore Akee na frente do compound em Ìjan.
Há uma árvore Ọ̀sàn enorme em Ìwòyè.
Uma árvore Àràbà enorme no mercado de Sọ̀ngbé.
Debaixo da árvore Ìdí estava o mercado.
Sọ̀ngbé era a sua casa.
Nós dançamos à batida de tambores e batida das palmas das mãos.
Sọ̀ngbé estava se tornando uma casa.
Nós dançamos ao som do tambor e cantamos os coros.
Nós dançamos ao som de tambores Kósó e das batidas dos címbalos.
Entre o tabu em Ìgbórí

¹ O filho de Kúlódò é o filho do homem que morreu em um rio.

² As linha 8-10 mostra outros rios em Ìgbórí donde as pessoas de Igbórí pudessem pegar água.

Méta gbongbon púpò ninú èèwọọ wọn.
Omọ ogògò, Igbórí kii rẹlú.
Omọ Igbórí kii bá ọkọọ dé òkè odò.

Èniyàn kii tàkótó ninú ilé Igbórí màkọ.

Omọ Olúpéjọbí omọ Aşosanyin.
Níbẹ ní i şélé àwọn babaa mí.
Níbẹ nilé Olúọdẹ àgbà.
Ìlórí Ògúnbòdẹ Arúlógun bí èéfin.

Ajá alágbèdẹ kò jẹ kókó irin.
A pa Àgbìgbò má bùún onílẹ apá ọrún rẹ jẹ.

Agbó kẹkẹ kẹẹ ijà sùré rebi oògùn rẹ.

Bàbá Şogbaunmú ọ-ta-ẹtà tawọtawọ.
Àwọn lòkú u tètépèù ninú ilé Igbórí màkọ.

Mo tẹmọ sílẹ mo roko ewé.
Nílẹ Onílẹfun ò jìyàn ẹgò.

Omọ mọ́nmọ́n ni wọn.
Mọ́nmọ́n kan kò nítan.
Omọ ẹlẹlẹ kan kò lẹdọ l' Àgùrè.
Sàbà Ògògò, emi láá à ri fọbẹ kun?
Mọ́nmọ́n dirù, ó lo Àpínni.
Ọlẹlẹ dirù, o r' Àgùrè
Bàbátútú wáá dẹrù, ódòde Igbórí.

Ibẹ la tó mú oókàn-lé-lógota ẹkọ.
Lọ Igbó Màriwò.
A şán ogún.
A wa ogbọọn rẹ mu.
Òkànláá yokù ni Màriwò n túwọ ọ le lórí.

Ìgbàlẹ kò dáná ọtútù bẹẹ lomọ Awo n jẹ.

Òkú Igbórí, ilé e mi ko gba igba ẹni.

Ọdèdè mi kò gba igba èniyàn.
Níbo ni n o waa kó ẹgbèrin Eégun sí?
Mo báwopé, mò pé n sọpa.
Èmi lomọ Afidí àtòrì nlá balẹ ké mọrọjài.
Èmi lomọ Alátòrì méréndínlógún.
Tí ó parípọ tí n jẹ àgan.
Nínú igbó Eriwo.
Èmi lomọ a rí şan kan pe igba Eégun jọ.
Igba eégún jáde tán işán kò kárí.

Èmi lomọ gbé mi gbé mi láá şagan.
Ìrù àgan kò gbòdọ balẹ ni gbàlẹ.
Ìrù àgan şeşẹ n'balẹ ẹ bọ.
N la kó işán bò mí,
N la wáá kóto ró mí.

Três são os mais importantes.
Os filhos de Ògògò não levam planta índigo.
Solteironas em Igbórí não seguem os seus maridos até um rio.
Pessoas não jogam concha de caracol nas casas em Igbórí màkọ.
Eles são os filhos de Olúpéjọbí, o consultor de Ọsanyin.
Esta é a casa de meu pai.
Esta é onde o chefe dos caçadores nasceu.
Ìlórí Ògúnbòdẹ que aparece como uma fumaça na batalha.
O cachorro do ferreiro não pode comer um ferro lascado.
Aquele que mata um Àgbìgbò e não compartilha com os seus vizinhos (à direita)
Ouve falar de uma briga que choca e corre rápidamente para onde mantém os seus encantamentos.
O pai de Şogbaunmu que vende gatos ẹtà sem os esfolar.
Eles são os mortos cujos espíritos encarnam em Igbórí màkọ.
Eu deixo a criança de berço ir buscar folhas na floresta.
Na cidade Onílẹfun onde a pessoa é orgulhosa em ser boba.
Eles são apaixonados por comer mọ́nmọ́n com dendê.
Mọ́nmọ́n não tem nenhuma perna.
Nenhum ẹlẹlẹ tem um fígado em Àgùrè.
Sàbà Ògògò, eu posso cortar com uma faca ẹlẹlẹ?
Ọlẹlẹ fez as malas e foi para Àpínni.
O mesmo Ọlẹlẹ fez as malas e foi para Àgùrè.
Os mascarados egúngún fizeram as malas e foram a Igbórí.
Lá nós levamos sessenta e um ẹkọ embrulhado em folhas.
Para a floresta de màriwò (os membros de culto).
Nós comemos vinte.
Nós esmigalhamos trinta em água e os bebemos.
Os onze que permaneceram são os objetos de adoração para os membros de culto.
O fogo feito na floresta de egúngún é proibido - isto é o apelido para todos os membros de culto.
O Igbórí morto, minha casa não pode acomodar duzentas pessoas.
Nenhum ọdèdè pode acomodar todos.
Onde eu posso manter oitocentos egúngún então?
Eu assisto as reuniões do culto de egúngún e ọpa.
Eu golpeei Àtòrì chicoteado-o no solo com um som alto.
Eu sou filho do dono dos dezesseis chicotes de àtòrì.
Amarrados juntos são chamados Àgan
Na floresta dos membros de culto.
Com um chicote Àtòrì eu convido duzentos egúngún.
Duzentos egúngún saem; os chicotes não são suficientes para todos.
Pessoas choram, 'Deixe Àgan ser erguida'.
O rabo de Àgan não deve tocar o solo na floresta.
O rabo de Àgan há pouco conseguiu tocar o solo.
Quando as pessoas começam a açoitar me com chicotes,
Eles os chicoteia em mim.

Igba ègbèrì ì báà so mí lókùn, n kò jẹ ké.

Bí kékeré Ato so mí,
Ma ké şaşá, ma ké şoşo.
Ma ké roro, mó rí Àgan.
Èjì Ògògó Ato kékeré abenu jégejége

Èmi kò jẹ sòrò okùn laagùrè.
Èmi kò jẹ sòrò okun
Ògògó, ẹ má dákùn so mí lápá.
Apá ewùré de mí lórùn ju okùn lọ.
Taa ni èniyàn tó kẹhìn sí sàlé Àgùrè?
Níjọ ẹri n gb'Áto ó lọ tetete.
Tí n gb'Áto o lọ bi igba oju omi,
Ní isàlẹ ojà l'Àgùrè.
Ató ní, "ìwọ işin jégédé etídò yí, gbà mí!"

Èri n gb'Áto ó lọ!
İşin ní ẹ sá jòó ré.
Eje kí ẹri kó máa gb'Áto lọ.
Ó ní, níjọ Ato n jẹ mọímọín.
Ato kò bún ẹnikan je.
Níjọ Ato n jẹ ọlẹlẹ, kò sí fi lọ èniyàn.

Èri túnn n gb'Áto ó lọ tetete.
Bí igbá ojú omi.
Ní isàlẹ ojà l'Àgùrè.
Ató ní, Èlú jégédé etídò yí gbà mí!

Èri n gb'Áto o lọ!
Èlú na ọwọ tọọ, Ató rò mó Èlú.
Ni Ato bá n jẹ Ato Òfòrí ti ẹlú gbè.

Ato kékeré, Ato abenu mímú bi abẹ.

Bí Igba ègbèrì so mí lókùn n kò ké.

Bí kékeré Ato so mí ma ké şaşá,
ma ké şoşoşo.
Ato, Òfòrí ọmọ Kúlódò Awùsì Èyọ
Ògògó ọmọ Akúmásòrun Ìgbórí.
Bí mo bá kú láàrò.
Ma deégún lójú alẹ.
Ògògó o kú màkọ Àpínni.
Ìgbórí loja. Sọungbé nílẹ.
Áwọn ni ará igbá tí n lù l'Ègò.

Ó n lù l'Ègò, ẹlẹmi n kawó.

Se duzentos não-iniciados me amarram com corda, eu não grito.

Mas se uma Ato jovem me amarra com corda,
Eu chorarei amargamente e dolorosamente.

Eu chorarei amargamente por que eu vi Àgan.

O gêmeo Ògògó, pequena Ato que é uma locutora afiada e rápida.

Eu ouso não mencione uma corda em Àgùrè.

Eu não cometi uma ofensa para qual poderia me atar.

Ògògó, não amarre meus braços com corda.

Eu prefiro a perna dianteira de uma cabra para uma corda.

Quem poderia ser os últimos na floresta de egúngún?

No dia a corrente estava varrendo Ato.

Ato extensa como a cabaça colocada na superfície d'água.

Na rampa do mercado a Àgùrè?

Ato gritou, "Você árvore İşin esbelta neste banco de rio, me ajude!".

A corrente está varrendo Ato.³

İşin disse, não a queira.

Deixe a pressa atual fora Ato.

A árvore alegou: "Todos os dias Ato comia Mọínmọín,

E Ato não compartilhou isto com ninguém.

Quando Ato estava comendo ọlẹlẹ, ela não pediu para ninguém participar com ela.

A corrente continuou levando Ato mais rapidamente.

Como um cabaça na superfície d'água.

À rampa de mercado de Àgùrè.

Ato exclamou; "Por favor me salve, você entenece arbusto índigo.

A corrente está varrendo Ato.

A planta índigo estirou sua gavinha e Ato se apegou nela

É por isso que Ato é chamada de Òfòrí que a planta

Índigo salvou.

A pequena Ato com uma língua tão afiada quanto uma navalha.

Se duzentos não-iniciados me atam que eu nunca gemerei.

Se um Ato minúsculo me ata,

eu chorarei alto e rugido.

Ato Òfòrí, filha de Kúlódò Awùsì Èyọ.

Ògògó a filha daquele que morreu mas não ficou no céu.

Se eu morro de manhã.

Eu me tornarei egúngún à noite.

Ògògó, eu te saúdo como descendente de Mako Àpínni.

Ìgbórí é a feira, Sọungbé é a casa.

Quando os feijões gafanhoto ficam seco no pé começam a bater um ao outro.

É neste momento que o negociante de nozes de ori faz suas vendas lucrativas.

³ Ato é um membro iniciado no culto de Egúngún. Há uma tradição que toda criança feminina nascida com a seu cordão colocado no tórax como o chicote Atòrì, é chamada Ato. Outra tradição diz que a terceira criança de um trigêmeo é chamada Ato.

Elémi n kawó, Olóbi n sò.

Kólóbi máà sò mó.

Jé kélémi kawó ẹmi.

Ninú ilé Ìgbórí màkọ
Ìgí mètá n bẹ tó ó mórí jadé.

Pómpóla mórí jadé,
Kò le è ẹhun tádé é ẹ.
Orúrú mórí jadé,
Kò le è ẹẹ tádé é ẹ.
Ológún ẹrè mórí jadé,

Kò le ẹhun tádé é ẹ.
Oyè gbogbo làá dùn l'Agùrè.

Taa ló jé dùn "Òní-ikú-òla-Ìgbórí".

Nílé Ìgbórí màkọ, ọmọ Eléégún Ire.

Eégún mètá ni t'Àpínni.
Ìkan n dádé owó.
Ìkan n wẹwù ilẹkẹ.
Ìkan gbódòdó borí.
Wọn lọ rée jó lójà ọba.
Wọn wá n kọrin.
Ará Ìgbórí màkọ.
Ọmọ Eléégún Ire.
Wọn tún n kọ orin awo méje.
Alágbààà
Alagbanlàgbá.
Ẹè wọ, ọ an.
O ẹ ẹe?
Kóoró o o.
Ò ò kò ro.
Òfò àikú, ọmọ Ẹgbàa kò tòó dúpẹ.

Oní'gbórí ọmọ Ẹgbàa tí yọ òlẹ lẹnu.

Orígun mètá làá gbée bọmọ ẹni

Ìpònnà mífà un là á bàbàjà.

Ọnà mètá làá kì wọn nilée Kúlódò Awùbi.

Ẹni tó bá kilée Ìgbórí Màkọ.
Tí ó bá fí tápà silẹ.
Okò igi ló lọ.
Ọmọ òkú Erin já l'Ẹgò.
Òkú Erin gba inú igbó kankan.
Ààyè erin já ó gbọnà ọdan.
Kékeré Òfò Àikú wọn bá já.

Os negociantes de noz ori tem lucros mas os de obi lastimam.

Diga para os vendedores de obi que deixem de lastimar.

Deixe para os vendedores de noz ori contar o seu dinheiro.

Na cidade de Ìgbórí Màkọ.

Há três tipos de árvores cujos topos se assemelham à coroa.

As flores da paina marrom se assemelham à coroa,
Mas não é reconhecida como a coroa.

As flores da tulipa se assemelham à coroa,
Mas não é reconhecida como a coroa.

As flores Ologun ẹrè (Um tipo de tulipa rasgada) se assemelham a uma coroa carmim,

Mas não pode usurpar o ofício da coroa.

A pessoa pode competir com todos os títulos em Àgùrè.

Mas quem ousa competir com a morte hoje, Ìgbórí amanhã?

Na cidade de Ìgbórí Màkọ onde o egúngún são bem vestidos.

Há três egúngún principais em Àpínni.

Aquele que usa uma coroa de búzios.

Aquele que usa uma roupa com miçangas.

Aquele que usa uma roupa carmim.

Eles seguiram para o mercado do rei para dançar.

Eles começaram a cantar.

Oh, cidadãos de Ìgbórí Màkọ!

Donos de egúngún bonito.

Eles também cantaram sete canções ocultas.

Dizendo: Alágbààà.

Alagbanlàgbá.

Quando você soube,

Por que você cometeu o ato?

Deixe ressoar bem e claro.

Sim, nos deixe cantar o coro.

Dois mil búzios não são o bastante para pagar para escapar da morte.

Oni'gbórí uma dívida de dois mil búzios preocupa uma pessoa preguiçosa.

Há três lados principais donde uma criança pode nascer.

É uma fileira de seis riscos seguidos que é a marca àbàjà.

É em três famílias que eu localizarei sua linhagem na casa de Kúlódò Awùbi.

Ele que recita oríkì de Ìgbórí Màkọ.

E exclui os Nupe.

É um arbusto e o homem ignorante.

Tapa, o elefante morto que lutou em Ẹgò.

O elefante morto ocupou uma área extensa na floresta.

O elefante vivo luta e ocupa o caminho da savana.

Se o pequeno òfò Aikú (aquele que escapa da agonia da morte) brigas.

Wọ̀n a reè Gbórí ilé.
Àwọ̀n ni ará Ìbàrú ọ̀mọ̀ Dàpánù.
Ọ̀mọ̀ kẹ̀sẹ̀ tí kẹ̀şin lóro.

Kíkúu Tápà, kò yẹ ni.
Àíkú Tápà, wọ̀n a yẹ èniyàn

Kíkúu ni Tápà kú.
Wọ̀n ní kí n wá òtùtù òwú,
Kí n wá afára oyin,
Kí n wá àgógó idẹ,
Kí n wá kànkàin t'oje fi n wẹ l' Ajòfà.

Tí a bá rí òtùtù òwú,
Tí a a rí afára oyin,
Tí a rí àgógó idẹ,
Tí a sì rí kànkàin òjé.

Níbo la ó ti rí òtòtò èniyàn?

Tó wólẹ̀ lóòró?
Ọ̀şọ̀ yẹ Tápà ọ̀mọ̀ ògiriyan ègò.
Ará ilé Ìbàrú ọ̀mọ̀ Dàpánù.
Níbẹ̀ lẹranko méréndínlógún.
Ní àwọ̀n ó joyè lódò.
Erin ní òún tẹranko àá fii jàgan.

Èfọ̀n ní òún tẹranko àá múú jàgan.

Túùkú ní òún tẹranko àá múú jàgan.

Àgbònrín ní òún tẹranko àá múú jàgan.

Àwọ̀n ẹranko wọ̀nyí kò to ẹranko
àá múú jàgan.
Nínú ilé Ìbàrú ọ̀mọ̀ Dàpánù.
Ìjì nikan ló tó ẹran àá múún jàgan.

Àwọ̀n lóbi Mo-Sákà,
N kò gbòdò koo.
Mo gbin ẹ̀pà.
N kò gbòdò rebẹ̀.
Òbí, mo múdíí tìgbẹ̀
Olúroré, mo bojú yoyooyo
Olúgbẹ̀ Ẹ́gan, ẹran bí o bá kú.
Ma máa gbé awọ̀ lọ.
Ọ̀mọ̀ Ẹ́ranko gbálájá lórí igi.
Ibití a tún gbé n ki Tápà lẹ́mpe.
Ará ilú Ogódó.
Ọ̀mọ̀ erin ni odó lówó.
Erin n fi ẹ̀nu un gún işu n jẹ.
Tápà lẹ́mpe èrò isàlẹ̀ àlọ
Aráa Tápà lókè Ọ̀ya, ara Ìbàrú ọ̀mọ̀ Dàpánù.

Òbí iwájú ni mo bá tan.

Ele vai então para a casa de Ìgbórí.
Eles são os cidadãos de Ibaru o filho de Dàpánù.
O uso excessivo de uma espora para o flanco de um cavalo o faz ficar agressivo.
Um Nupe morto não pode ser chamado como parente.
Um Nupe vivo é ajustado para ser chamado como pessoa que está próxima da família.
Imediatamente depois que um Nupe estava falecido,
Me me pediram que provesse lã de algodão,
E favo de mel,
E um sino de bronze,
Que eu deveria procurar a esponja que o oje usou para se lavar em Ajòfà.
Se a pessoa adquire lã de algodão,
E se a pessoa adquire o favo de mel,
E a pessoa acha sino de bronze,
Até mesmo se a pessoa que achou a esponja que o Òjé usou para se lavar em Ajòfà.
Onde a pessoa poderia achar um cadáver sólido de um homem?
Quem foi enterrado de pé?
Um homem Nupe bem vestido é bom ficar de olho.
Parentes de Ìbàrú filhos de Dàpánù.
Lá cada um dos dezesseis animais,
Reivindicou ser o chefe do rio.
O elefante disse que é forte o bastante para ser instalado o chefe de Àgan.
O búfalo disse que é forte o bastante para ser instalado o chefe de Àgan.
O porco selvagem também disse ser ajustado para ser instalado como chefe de Àgan.
O antilope também disse ser ajustado para ser instalado como chefe de Àgan.
Todos estes animais não estão ajustados para serem instalados como chefe de Àgan.
Na cidade de Ìbàrú filho de Dàpánù,
Só é o macaco que está ajustado para ser instalado como chefe de Àgan.
Eles são obi, eu colhi meu milho da guiné.
Eu não devo juntá-los.
Eu plantei amendoim.
Eu não devo pisar lá.
Òbí, eu escondo meu ego à extremidade da floresta.
Olúroré, eu encaro o fazendeiro.
Olúgbẹ̀ Ẹ́gan, se ele morre,
Eu levarei algo de fora aos mortos.
Eles são animais frágeis na árvore.
Onde novamente nós localizamos os Nupe Empe.
Nativo de Ògódó.
As pernas dos elefantes estão como pilões.
Mas que soca o inhame com sua boca.
Os Nupe de Empe são os habitantes da floresta de Àlọ.
Nativos de Tápà do Níger, cidadão de Ìbàrú e linhagem de Dàpánù.
Era para Òbí a quem eu reivindico minha relação.

N kò bá tẹhin tan.
Òbí tí ịsaaajú bo bá rí mi lókè odò,

A dá Ẹşin dúró gbọin.
Òbí ẹhin tó bá tí rí mi lókè odò,

Bí ó bá sọ ẹşin ní kẹşé.

Ẹşin amáa ta bí iróro.
Òbí múmímúmi.
Má à jẹ kí òkò rẹ mu mi.
Ẹşinsin kò gbódò fenu ba ẹjẹ ẹniyàn.
Òkò rẹ kò gbódò fenu bẹjẹ ẹniyàn.
Aráa Sẹẹgẹ ẹni ilẹ òkà.
Ará Igbó oya, èrò o Şùbàmbẹ.
Wèrè ẹniyàn ni yó ki Igbórí.

Tí kò ní ki Sọungbé Àsámú.
Tí ilé Ònídíran.
Ọmọ ẹranko gbárágádá.
O kú gbonrangandan.
Ọmọ dindi a dirú kalẹ l'Agùrè.
Ọmọ òkúu gbérúmí, sò mí.

Aráa gbé lé mi kájọ máa ló.

Òkú Àgan kòşé é sin.
Àrùwẹ kòju gbà l'Ègò.
Ẹni tí yóó gbàrùwẹ.
È bá mi wétùtù òwú.
Ọmọ Òsópètún, ẹ bá mi wá afára oyin.
Ètútú òwú şòpò, afára oyin şòwòn.
A gbó pé a rí ètútú òwú.
A gbó pé a rí afára oyin.
Òoró ni Tápà á sún.
Taa ni yòò bámi gbẹlẹ lóoró?
Tápà ọmọ afògo yọ.
A fòdi òkò tẹlò fọ Mògàmògà.

Èniyàn tó ki 'gbórí
Tí kò bá ki Ọlọpòndà.
Oko igi lólọ.
Ọlọpòndà ọmọ Ẹranko yáá yuu.
Yò yòjí ọmọ Àtìbà.
Ọlọpòndà ọmọ Ẹranko Àgan.
Àgan ò firù balẹ nígbàlẹ.
Ègùn Ànùmí, mo mú idí tìgbá.

Ọmọbókéré, mo bójú yoyo sólóko
Alápinni kó lámù méjì.
Kòkò idẹ làá fíí şe àmùn wòn.
Ìyámòşé tó tẹ òde Igbórí dó,
Àgàn obinrin ní şe.
Amúşàn Ògògó lóyojú lódò Àasà.

Eu não reivindico ser relacionado à geração posterior.
Quando o Óbí das gerações dianteiras me viu no outro lado do rio,
Ele parou o seu cavalo imediatamente para me saudar.
Quando o Óbí da geração posterior me viu no banco do rio,
Eles frearam os seus cavalos da maneira mais horrenda.
O cavalo estaria chutando como o escorpião.
Óbí me captura.
Não deixe sua lança me agarrar.
Sua lança não deve tocar o sangue humano.
Sua lança não deve tocar o sangue do homem.
Nativo de Ségègè dos campos de milho.
Nativo da região superior do Níger de Şùbàmbẹ.
Só uma pessoa que falta sabedoria recitaria o oríkì de Igbórí.
Inclusive Sọungbé Àsámú.
Da família de Óbídiran.
Como ele é ativo, vivo.
Ele está morto como pedra.
Cada pacotes individuais a sua carga em Àgùrè.
O filho do morto, me ajude erger a minha carga e me ajude a derrubá-la novamente.
Ajude colocá-la em mim para que nós possamos caminhar juntos.
O enterro de Àgan não é um trabalho fácil.
A lamentação em Ègò não é igualmente fácil.
Ele que lamentará.
Me adquira alguma lã de algodão.
O filho de Òsópètún, me ache um favo de mel.
Algodão é abundante mas favo de mel está escasso.
Nós entendemos lã de algodão está disponível.
Nós entendemos favo de mel está disponível.
Mas o cadáver Nupe é enterrado ereto.
Mas quem me ajudará a cavar o sepulcro na vertical?
O Nupe que usa um porrete para lutar.
E golpeou o traseiro de uma lança no chão e falou um idioma desconhecido.
Ele que recita oríkì Igbórí.
Mas não recita Ọlọpòndà.
Ele é só ignorante.
Ọlọpòndà, o filho de uma besta poderosa.
A besta robusta, filho de Àtìbà.
Filho de Ọlọpòndà a besta de Àgan.
O rabo de Àgan nunca toca o solo na floresta.
Eu, o macaco, apóio contra a árvore do feijão gafanhoto.
Eu encaro o fazendeiro como uma luz deslumbrante.
Alápinni tem só um caldeirão (panela de água).
E o caldeirão é feito de bronze.
Ìyámòşé que fundou a cidade de Igbórí,
Ela era estéril.
Amúşàn Ògògó espiou no rio Aasà.

Ìyámòṣé ti dàgbà.
 Ó sì ti dogbó.
 Ó ti léwú lóri
 Ó wá n sunkún pé òun ò bí ọmọ
 Ó rọmọ lẹhin adìẹ ó bú púrú sẹkún.
 Ó wá n gbàrùwè àirọmọ pọn.
 Óún fọwọ osùn tútù nu ògiri gbígbe.
 Ó wá n ṣọfọ ara rẹ láikú.
 Amuṣán tó yojú nínú odò Àasà,
 Ló wáá bú ọpa.
 Óní , Ìyá-mòṣè,
 Oó fi inú soyún,
 Oó fẹhin gbómọ pọn.
 Oó sì bímọ tikáaraàrẹ.
 Ni Ìyá-mòṣè fi bí Ègùn Ànùnmi.
 Ará Ọpọndà, ọmọ Asá-gúkọ-Arìn-gúkọ.
 Pẹrẹ ni idí ọpẹ, ọmọ olú-awo.
 Ọkọ̀ọkan làá he irà.
 Èyàn to he méjì ló ṣòjọ́ró.
 Ará a gbérùmí, sọmí.
 Ará a gbélé mi ka lo, èrò isàlẹ ẹ Mòsà.
 Èyin ògògó, òkú Ìgbórí.
 Bóbinrin kò sí nílẹ mọ.
 Kéégún má jẹ ni láwo.
 Ibi òjìyàn gbé n jiyàn l'Ègò.
 Ibẹ ni wọ́n gbé bọmọ jẹ fọlọmọ.
 Ó ní bó tirí kò sàì ni bó tiṣe.
 Ti wọ́n fi bọmọ jẹ fọlọmọ.
 Níbẹ ni Eégún ilé Ìgbórí jàde.
 Ó ní kí aboyun ilé Ìgbórí ó bọ síta gbangba.
 Ó ní ọpa bi kò sàì ní bi ọkùnrin lọmọ.
 Ìyá Àgan tí n bẹ nílẹ Ìgbórí bọ sóde.
 Ó ní ọpa gbangba bí kò sàì níbí obinrin lọmọ.
 Kí iyá àgan lé rẹni máa rán lómi.
 Ó wáá bọmọ sílẹ.
 Ó jẹ ọkùnrin ni wájú,
 Ó jẹ obinrin lẹhin.
 Ibẹ ni wọ́n bọmọ jẹ fọlọmọ,
 Nílẹ Sabà Ọgògó.
 Ikú níí mápá ẹni i ká ni.

Ìyámòṣé tornou-se velha,
 E ela é velha.
 Ela tem cabelos cinzento
 E ela lamentou pesadamente por não ter nenhum filho.
 Ela viu os pintinhos que seguem a galinha-mãe e ela caiu em lágrimas.
 Ela lamenta por não ter nenhuma criança para levar nas costas.
 Em vez de esfregar um bebê com osun ela esfregou-o numa parede seca.
 Ela estava lamentando entretanto em cima da sua vida.
 Amuṣan que espiou dentro do rio Aasà.
 Então jurado em nome de Ọpa.
 E disse, Ìyá-mòṣé,
 Você conceberá,
 E você terá uma criança a quem você levará a sua costas.
 E você dará à luz à sua criança.
 Por conseguinte Ìyá-mòṣé deu à luz a Ègùn Amúnmi.
 Nativo de Ọpọndà, ele salta e galopa.
 Ele se sentou ao pé da palmeira, filho do homem do mistério.
 O núcleo da palmeira é escolhido um de cada vez.
 Quem escolhe dois cometem fraude.
 Me ajude a erguer minha carga e me ajude a baixá-la novamente.
 Me ajude a por minha carga na cabeça que nós podemos ir juntos para Mòsà.
 Você Ọgògó, o morto de Ìgbórí,
 Quando as mulheres estão ausentes de casa.
 Deixe o egúngún responder com expressão vocal de culto.
 Quando os disputadores disputam em Ègò.
 Lá eles mimaram a criança para os seus pais.
 Tem uma razão; não está sem uma explicação.
 Que eles mimaram a criança para os seus pais.
 Lá, quando egúngún de Ìgbórí saiu.
 E pediu para a mulher grávida de Ìgbórí que viesse para fora no aberto.
 Ele jurou em nome de Ọpa que a mulher dará à luz a uma criança masculina.
 O membro mulher do culto em Ìgbórí (a sacerdotisa de Egúngún) saiu.
 Ela jurou em nome de Ọpa que ela definitivamente dará à luz a uma criança feminina.
 Que a mãe de Àgan (a sacerdotisa de Egúngún) pode ter alguém para ir buscar água para ela.
 E a mulher grávida deu à luz a uma criança.
 A parte da frente era um macho,
 mas a parte de trás era de uma mulher.
 E assim a criança foi consentida ao pesar da mãe,
 Na casa de Sàbà Ọgògó,
 É morte que faz o oponente da pessoa tenha vitória mais que uma.

ORÍKÌ ÀWỌN ÒGBÍN

Èṣà¹ Ògbín ará Ògbojò
Èṣa Ògbín ará òde Ògbólúku
Babajídé ọmọ Oníké eyín² Ọba
Iranàn mi.
Àlèlè lónà èṣà.
Olòògbínmalé ọmọ kóúndú oníwọ
Ègùn,³ mo fòdeè mi ṣàkànrè
Àiná niyá Ògbíín jẹ
Mọlámọlá ló bi Ọḡḡ
Mọladé lo bí Ègún lọmọ
Iran àn mi Àlèlè lónà ti Èṣà

Ológbojò ọmọ Oníké Eyín Ọba

Gùmàlègumale⁴ lẹhìn Àdafà.
Èṣà Ògbín, ọmọ Ègbèrindínlegbèje ọkẹ eegún.
Bàtà t'Ológbojò kòdá.
N náà ló ya lẹhìn èṣè.
Àwọn ẹnítí kò gbọn
Àwọn ẹnítí kò mọrán
Gbogbo wọn lọ rée fẹrín sí.
Wọn ni Ológbíín bàájé

Ìgbàtí Ológbín ín délé,
Ó ní, Bí abàájé kòbàájé
Ó ní, Atúnṣe kò ní lé túnṣe.
Ológbín ín wáá kési Abèrè tí ise ègbọn Ọbẹ.
Ó ní kí abèrè kí ó wá
Kí ó wá wo ohun ribiribi tí Ọba ṣe
Ológbín ín ní kí Abèrè kí ó ma jẹ kí ó bàjé
Nítórípé ẹnu ni a fí tún ẹnì í ṣe.

Abèrè tara kíákíá
Ó fí ẹnu tún ibi aṣọ gbé ya ṣe.
Ọbẹ ni kò bẹrù
Ó fẹnu rẹ babè jé.
Àwọn èniyàn tí wọn tí wá n fí baba rẹrín
Pé, Ológbín ín bàlùmọ
Tí wọn n wípé Ológbíín bàájé
Kíákíá ni wọn tún n fí ẹnu wọwọn yin baba

Òdònkò, bara Ìwí⁵ lónà Èṣà
Àwọn kò mò pe, Ológbíín kò tẹ

Iké èmi kò jọ tọya.

Selecionado, Ògbín ilustre nativo de Ògbojò.
Selecionado, Ògbín Ilustre, nativo de Ògbólúké.
Babajídé, o filho de um corcunda que estremece o Ọba.
É minha linhagem.
Constante e profundamente em conhecimento.
Olòògbínmalé, dono de veneno mortal.
Ègùn, eu saio com moderação.
Àiná era a mãe de Ògbíín
Mọlámọlá deu à luz a Ọḡḡ
Mọladé deu à luz a Egúngún.
Minha linhagem, profunda e constante em conhecimento.
Ológbojò, o filho de um corcunda que estremece o Ọba.
O refúgio enorme atrás de Àdafà
Selecionado, ilustre Ògbín, dono de incontáveis eégún.
O primeiro par de meias que Ólógbojò fez,
Era aquelas que foram rasgadas aos saltos de sapatos.
Aqueles que estavam malucos,
E aqueles que não puderam discernir assuntos,
Todos entraram em um ajuste de riso.
Este Ológbíín tinha deixado sair o segredo de egúngún.
Quando Ológbín adquiriu casa,
Ele disse, "se o par de meias não fosse rasgado,
Não haveria necessidade de repará-las.
Ológbín chamou então a agulha o irmão da faca.
Ele pediu para a agulha vir.
Vir e ver é o que fez o Ọbà.
Ológbín pediu para a agulha cobri-lo,
Como o parente da pessoa que tem a responsabilidade de cobrir um.
A agulha se apressou à tarefa.
Com a sua boca ele reparou o pano.
Era a falta da faca.
Com sua boca, consentido-a a parte.
As pessoas que estavam rindo do pai.
Este Ológbín que danifica o mistério de egúngún.
Ológbíín ridicularizando.
Depressa eles viraram para louvar o pai com as suas bocas.
O soberbo filósofo que não excedeu.
Eles não souberam que Ológbíín não foi posto para envergonhar.
Minha corcunda é distinta como Ọya.

¹ Èṣà quer dizer o selecionado, o privilegiado, ou o ilustre. Os Ọyọ usam cantos de Èṣà para egúngún. Nesta sensação aprenderam modos de Èṣà, o filósofo, o poeta.

² Acredita-se que o primeiro Ológbín era um corcunda e ele entretinha o Ọba.

³ Ègùn se refere ao poder mágico e habilidade de Èdun, o macaco marrom.

⁴ A palavra pode se referir à deformidade de Ólógbín

⁵ Iwí é um poema filosófico.

Ká pé ká gbé mi foya

Gùùkàn ẹhìn mi kò jọ tòòsà.

Ká gbé mi fòòsà lawẹ
Ẹyin kò mọ pé Ológbòjò ló bí mi nínú?
Ikéè mi ẹyẹ ni.
Gùmàlè mi, ti ẹhìn Àdafà
Ẹsà Ògbín, wọn ni Oníyàá-mọyá

Omọ Eléé gún Şekétewére
Alèlè lona t'Ẹsà
Omọ Gbòngbò-n-bí-àpólà
Omọ Fònfò-n-bí-Erín-fon
Omọ apa-Ijanjá lápáa Híohío

Omọ Òrişà ni işán paşán

E máşẹ fi paşán nà mí.
Èmi ni Ba-n lórò; mo gún rẹgí wọnú asọ lọ.

Ẹsà ni mí, tí mo fòdeè mi şàkànrè.
Ẹkùlè ilé Ológbín nìgbálé

A waa lè wípé,
Iye Ológbín mawo tàbí ò mawo?
Ẹsà tògbín, ará Ògbòjò.
Iwájú Ológbòjò, igba eégún ní m bẹ níbẹ
Ikèhínsí Ológbòjò, igba eégún ni m bẹ níbẹ.
Òtún Ológbòjò, igba eégún ni m bẹ níbẹ
Òsì Ológbòjò, igba eégún ní m bẹ níbẹ
Òdeẹ mi ò gbàyè
Níbo ni n ó kégbèrin egúngún sí?
Ológbòjò, omọ a-gbé-eégún-gorí-ẹşin.
Iranàn mi abirin Àdafà ẹşẹ.

E şikiti bò mí, Aládafà ló bí mi.
Aládafà omọ Şogbonyoké
Iranàn mi gùùkàn gumale lèhìn Àdafà

Ẹhìn gùùkaàn tí Ológbín màlé ní.
Omọ ilé ti rí? Wọn á ní kélomọ yọ.

Bíké lomọ bá yọ, ibáá şorí şonşó.
Iranàn mi, mo fèdè fohùn l'Ẹsà.
Lójú Ológbínmalé,
gbogbo eégún ni wọn nsọọ dọba.
Àisí Ológbínmalé, wọn a ní kinni eégún jẹ?
Àisí Ológbòjò ni iká mọdi yí eégún ká

E şikiti bò mi, ẹ gbosan-in⁶ le mi lorí

Para que não seja dito que eu deveria ser apresentado a Oya.

Minha deformação não tem nenhuma semelhança a do Òrişà.

Que eu deveria ser dado ao òrişà de İlawẹ.

Você não sabe que eu sou filho legítimo de Ológbòjò? Minha corcunda me serve.

Minha deformidade é uma cópia das costas de Àdafà Selecionado, ilustre Ògbín: uma criança reconhece sua mãe.

O filho do dono do eégún pequeno mas ativo.

Constante e profundamente em conhecimento.

Alto e robusto como uma madeira dura.

A sua voz é como o barrido de um elefante.

Ele extrai muitos pedacinhos de carne das asas de uma galinha.

Isán (chicote) é uma víbora e o filho astucioso de uma deidade,

Não deixe ninguém me chicotear.

Eu sou chefe do culto; graciosamente, eu entrei na mascara.

Eu sou instruído e eu saio em ocasiões especiais.

A floresta de Egúngún está na parte de trás da casa de Ológbín.

Nenhuma maravilha então que a

mãe de Ológbín sabe o segredo de egúngún.

Os selecionaram, Ògbín ilustre, nativo de Ògbòjò.

Na frente de Ológbòjò há duzentos egúngún

Atrás de Ológbòjò, há duzentos egúngún

À direita da mão de Ológbòjò, há duzentos egúngún.

No lado esquerdo de Ológbòjò, há duzentos egúngún.

A frente de minha casa não é bastante espaçosa.

Onde eu mantereí este oitocentos egúngún?

Ológbòjò como mascarado, passeia em um cavalo.

Minha linhagem, você caminha como as pessoas de Àdafà.

Reunião me ronda, eu sou o filho de Aládafà.

Aládafà que tem uma corcunda de enganadora.

Minha linhagem: a sua parte de trás está como um montão atrás de Àdafà.

Por causa da corcunda do Ológbín macho.

As pessoas perguntam como é a família? Eles respondem a criança tem corcunda.

Se ele tem corcunda no topo do monte e seria pontuda.

Minha linhagem, eu falo com uma voz mudada.

Na presença de Ológbínmalé

todos os egúngún são realmente bem-vindos.

Na ausência do egúngún de Ológbín é desonrado.

Na ausência de térmitas de Ológbòjò construa o Egúngún com um montículo circular.

Reunião me ronda e pôs Ọsanyìn em minha cabeça.

⁶ Ọsanyìn é o deus do medicamento, mas medicamento (oogun) é escondido nos panos de egúngún para propósitos diferentes. Na tal sensação a máscara de egúngún é considerada como Ọsanyìn (medicamento).

E yáwọ apé, e jékí gongoṣo sọ.

Mo f'òkòòrò⁷ wuyi lónàà t'Èyọ⁸

Èsà Ògbiín, t'Olúgbèé Àdá, tọmọ bọkọré⁹
Ọmọbọkọré, Onidegun, Ègùnàleté agbe ò jolè.

Nijọ Ègùn¹⁰ Anumi ti dayé ko jale ri

Ojú Olóko ní iṣeé mú tiẹ.

Ègùn Àlété, iyán ò bọkà ré?

Bii tọmọbọkọré Onitègun
Ègùn, mo fòdeè mi ṣàkànrè.
Ànùmí, Olúgbèé Àdá
Ọmọbọkọré, Onitègun Ègùn Ajà.
Ègùn Ànùmí Ajọfèlà
Ọfè ni n ó jẹlà ní tẹmi.
Ọmọ ẹranko gbárágádá, a kú gbọnrangandan

Ọmọ Àkúdawọ dasèlè
Ìbàrú t'Ológbojò, mọ agò lolú aṣọ.

Ọfè ni n ó jẹda nítẹmi,
Láníaka ọmọ Aboriyebete.
Ọmọ láági Ò wọṣọ
Ọmọ Láági Ọwọ eégún
Láági Ọwọṣọ-wọyi.
Ọmọ awọṣọ, kẹrẹkẹrẹ, mo gbé rẹgbé rẹébora

Mo fàsùnwọn gbọrò, mo si firaà mi bọṣọ
Ànùmí mo gbágò, mo mọ yan.

Ànùmí mo gbágò mo mọ jó
Mo ṣowọ bẹmbé lábé aṣọ
Ọmọ Ànùmí, Olúgbọyè ati Olúṣégun
Ọmọ Ànùmí, wọn kò lágbá

Ọmọ Ànùmí wọn kò láàrẹ
Àgbàa wọn, kò gbọṣọ ru asingbà.
Àgbàa Ànùmí, wọn ki írúkú.
Bí aṣọ bá borí tán, gbogbo wọn níi dọba

Ègùn Ànùmí, báa a (mu èsi) mési wá sílè.

Ọmọ ojú tólé, ojú tóko

Aplauda suas mãos cordialmente e cause uma ovação para alugar o ar.

Eu ganho fama com "òkòrò" cantando na estrada de Ọyọ.

O ilustre Ògbiín, parente do macaco vermelho.

O macaco vermelho, Ègùnàleté, implorar é melhor que surripiar.

Ègùn de Ànùmí, o escalador altamente qualificado nunca tinha roubado qualquer coisa desde o nascimento.

Está na presença do fazendeiro, o Ègùn colhe a sua própria parte.

Ègùn Àlété, o inhame pilado e a farinha de inhame cozinhada não são iguais.

Como o macaco vermelho nativo de Onitègun.

Ègùn, eu raramente saio.

Ànùmí, Olugbèé Àdá (macaco vermelho)

Ọmọbọkọré, Onitègun que monta no sótão.

Ègùn Ànùmí que fica rico por caridade.

Eu me manterei na caridade e ficarei rico.

Macaco que vivo é ativo e quando morto é como uma pedra.

Ele morre com todos os membros estendido

Um nativo de Ìbàrú fundado por Ológbojò. O mascarado é que a maioria venerou todos os outros panos.

Eu crescerei rico na caridade das pessoas,

Láníaka, o filho do homem que usa um véu carmim.

O filho de Láági cuja veste flui no solo atrás dele.

O filho de Láági que possui um grupo de egúngún.

Láági que puxa a sua bata que flui com graça.

O filho do homem que puxa uma bata volumosa para se cobrir na floresta.

Eu trago uma bolsa longa e eu empurrei-a.

Eu sou Ànùmí. Eu uso máscara e eu sei caminhar orgulhosamente.

Eu sou Ànùmí. Eu uso máscara e eu sei dançar.

Eu danço com minhas mãos na máscara.

Os filhos de Ànùmí são Olugbọyè e Olúṣégun.

Não há nenhuma antigüidade entre os filhos de Ànùmí.

Os filhos de Ànùmí não possui nenhum título.

Os seus anciões não pagam tributo.

Os seus anciões nunca levam cadáver.

Quando eles vestem máscaras de egúngún é quando eles são como reis

Ègùn Ànùmí venha para casa com respostas para nossas orações.

Ele vê e sabe tudo o que acontece em casa e na fazenda.

⁷ Kòòro o, kòòro é um coro popular nos cantos de egúngún.

⁸ Èyọ é outro modo de chamada nos cantos em Ọyọ.

⁹ Olugbèé Àdá, ọmọbọkọré, Onidègun, Ègùn à nìmi que Ègùnàlétè são nomes pessoais de um macaco vermelho.

¹⁰ Ègùn descreve o modo delicado que o macaco vermelho salta de uma árvore para a outra.

Ègùn, mo fòdeè mi şàkànrè.
È ẹ wípé kí n wálé o.
N ó re Ògbìn şawo.
È là bẹntẹ ilẹ̀wì (= È lu ilu Àbẹntẹ ilẹ̀ iwì).
È làgbàngbá t'Ólógbojò jọ nílẹ̀ Ọba Nlá.

È şikiti bò mí
Níwájú Ológbojò lariwo réré gbéeta
Ìraàn mi, Àbẹntẹ nílú àwọn Èşà.
Ènití kò bá jẹ ọmọ Aládafà.
Kò gbòdò jọ ijóo wọn.
Èèwọ Erè nílú Àbẹntẹ.
Ológbojò ló gbòdò joo.

Ológbojò kò gbòdò wo bi wọn gbé n fọpo.

Pààràkà¹¹ kí í rìn hòhò
Pààràkà kí í yan àdi.
Èbiti kí í p'Owólànké¹²
Èbiti tóó bá p'Owólànké
Ó joun pé egúngún fẹ́ j'eyin lábẹ̀è ni

Bí Pààràkà bá dé idí ẹkù,
Ó 'fẹ̀ rì hòhò ni.
Àwọn lèrò Ògbìn ará Àdafà.
Ọmọ Onilé kété etí omi.
Èrò Sù-bà-m-bẹ.
Ọmọ Òjíláààrọ̀ wọşọ pípọ̀n roro.

Njọ Ànùmí mú yangan ọkà méjì la 'bú ọya lọ.

Ànùmí mú yangan ọkà méjì lówọ
Títí ó fidé bití Dàgbà gbé n fi

gbogbo erankoó jẹ nínú omi.
Èlú kan, èlú kàn ló rọ̀ mọ̀ gbingbin.¹³

Ó 'rọ̀ dẹ̀dẹ̀ síbi odò láàrin ọya.

Ànùmí rọ̀mọ̀ èlú, fẹ̀rẹ̀ ló fò mọ̀ gbingbin

Kàşà ni babaà mi Ànùmí şe lókè odò

Lomọ Şékétewére bá labú ọya lọ.

Àgùtàn bọ̀lọ̀jọ̀ ló dáwo sílẹ̀ lọbà.

Alàránán Ọ̀rin¹⁴, lórii pépéye lawó gbé ya

Ègùn, eu saio frugalmente.
Você não me convida para entrar em casa.
Eu irei para Ògbìn praticar meu culto.
Bata o tambor Àbẹntẹ, o tambor dos filósofos.
Bata Àgbàndágbà que Ológbojò dança no palácio do grande rei.
Todos vocês, me arrodei.
Deixe maravilhas ser executadas.
Minha linhagem, Àbẹntẹ é o tambor para ser tocado.
Pessoas que não são relacionadas a Aládafà
Não tem que dançar ao ritmo deste tambor.
A jibóia nunca dança ao toque do tambor de Àbẹntẹ.
A linhagem de Ológbojò só dança na batida do tambor.
Ológbojò não deve ver a cova onde o dendê é extraído.
Pààràkà não deve sair desnudo.
Pààràkà não deve extrair óleo àdi.
A armadilha não deve matar Owólànké
Deva uma matança de armadilha Owólànké
Era que os egúngún tinham debaixo da armadilha para roubar os caroços de dendê usados como isca para animais.
Se Pààràkà vai para a cova onde o dendê é extraído, Ele só quer ver a nudez da mulher que extrai óleo.
Eles são os habitantes de Ògbìn, cidadãos de Àdafà.
Que têm as suas casas perto do banco de um rio.
Cidadão de Subambẹ.
Ele acorda de manhã para usar mantos vermelhos brilhantes.
No dia o macaco nadou no Rio Níger com duas espigas de milho,
O macaco segurava as duas espigas de milho na mão
Até que ele viu onde o grande crocodilo estava devorando todos os outros animais na água.
Havia uma planta índigo que estava trançada nos ramos da árvore gbingbin no banco do rio.
O Índigo pendurou abaixo na superfície do Rio Níger.
O macaco agarrou-se na planta índigo e rapidamente escalou a gbingbin.
Com um pulo orgulhoso, meu pai, o macaco aterrissou no outro lado do rio.
Assim o filho de Şékétewére nadou pelo fundo do Níger.
Foi uma ovelha muito grande que originou egúngún como um culto em Ọba.
Alàránán Ọ̀rin, foi o pato que deixou escapar o segredo.

¹¹ Pààràkà é um tipo de egúngún entre os Igbóminà.

¹² Owólànké é um nome de um egúngún.

¹³ Isto explica por que Èlú (uma planta índigo) é sagrada as linhagens de Egúngún.

¹⁴ Acredita-se que Alàránán Ọ̀rin é o alfaiate tradicional que primeiro coseu a máscara de egúngún.

Òbànjá Alápo Àayè (Aye = àpò tí à n kó aṣò Egúngún ún sí).

Ará ilú Àrán, Lábánjì Ọmọ Olú Epo.
Sòbà, Sàrán tó wuyi l'Èṣà.
Sòbà, Sàrán, ará Ilọbà,

Ọmọ Eya¹⁵ nnlá tí í ṣekú ẹmu.
Kèrèngbè, mo si ṣokùn ẹmu dèrèrè lọbà.

Bàtà tí pépéyẹ bọ lọbà
Ni pẹlẹpẹ tí n gbéé kiri
Nijọ awó ya
Adárípon faṣọ pupa borí tán.

Ó 'wáá n ṣawo egúngún kiri ègbé ògiri.

Orí ni wọn n léé kiri
Iran àwọn Ààmù¹⁶ kò gbọdọ dàpọ mojẹ

Ànùmí Ọmọ Egba Àdá.

Bànlọrọ, Babajídé,¹⁷
Ọmọ Agúnrẹgirẹgí wọnu aṣọ lọ.
Èṣà, mo fòdeè mi ṣàkànrè.
Ológbojọ ní í jẹ ṣogbonyoké ti Ògbín mọkọ.

Ọmọ Eji tí í tú wọn lóko.

Ọmọ òjò tí í tú wọn lójàa Mọbà.

Ọmọ Eji ní nlá ní í tú wọn lójà ni Mòró.

Ọmọ òjò ọsán ní í tú wọn lójàa Mọbà.

Àteji Àtòjọ ọsán
E jékí n nájàa Mòró Kalẹ.

Aládafà ọmọ Oníké-eyín-ọba.

Ṣogbín, ṣ'Èlé, ará Ilọbà t'Olú-epo.

Òdònkò, baraá wì lónà Èṣà¹⁸
Ìyá Olúgbọn¹⁹ kò gbọdọ mawo.

Ìyá Arẹsà²⁰ o gbọdọ morò
Ìyá Oníkòyí²¹ kò gbọdọ m'egúngún

Nativo de Ọbànjá dono do Àayè, a bolsa donde o manto de egúngún é mantido.

Nativo de Àrán, filho de Labanji de Olú Epo.

Ele está ligado ao Ọba e Àrán, o homem ilustre.

Ele está ligado ao Ọba e Àrán; ele é o cidadão de Ilọbà,

o filho do grande Eya.

Eu amarro a cabaça à palmeira com uma bata para coletar vinho de palma em Ọba.

O par de meias que o pato usou em Ọba

É a membrana plana sobre as quais o pato usava

No dia que foi conhecido o segredo.

Como o lagarto macho cobriu sua cabeça com pano vermelho (o lagarto macho tem a cabeça vermelha).

Vai ao longo das paredes, místicos da pratica de egúngún.

Cabeceando as suas cabeças aproximadamente

A linhagem do lagarto não deve se associar com os membros do culto de egúngún.

Da linhagem do macaco, o dono de duas mil classes ocultas.

Bànlọrọ, Babajídé,

ele usou egúngún cobrindo com um ajuste perfeito.

O ilustre, eu saio frugalmente.

Ologbojo é chamado o dono de uma corcunda artificial em Ogbin mako.

O filho da chuva que força os fazendeiros a deixar os seus trabalhos.

O filho da chuva que causa a férias inesperada do mercado em Mọbà.

O filho da chuva pesada que faz as pessoas desocupar o mercado na cidade de Mòró.

É a chuva da tarde que força as pessoas fora de mercado do Mọbà.

Chove e relampeia pesadamente,

Me deixe ter uma venda próspera de mercadoria em Mòró até noite.

Aládafà, o dono de uma corcunda que estremece o Ọba.

Ele está ligado com Ògbín e ele é um nativo de Olú-epo Ilọfa.

Soberbo em estatura e aprendeu em Iwi e Èṣà.

A mãe de Olúgbọn não deve saber o segredo de culto de egúngún.

A mãe de Arẹsà não deve saber o segredo de Orò.

A mãe de Oníkòyí não deve saber o segredo de egúngún.

¹⁵ Eya é a faca de dupla face usada para bater o vinho de palma.

¹⁶ Ààmù, Aláàmù - As famílias do lagarto.

¹⁷ Bànlọrọ, Babajídé se referem ao macaco.

¹⁸ Este é um dos versos que não podem ser traduzidos literalmente. Só explica um homem soberbo, soberbo em estatura e em mente, o senhor de Iwi e cantos de Èṣà.

¹⁹ Olúgbọn, Ọba de Igbon.

²⁰ O Ọba de Irẹsà.

²¹ Oníkòyí, o Ọba de Ikòyí.

Ìyá Ògbín ló morò, ló màgán²²
Ó mọ igi pẹ̀lẹ̀bẹ̀ tán,
Ó mọ ọpa tí í pa wọ̀n jẹ.
Ìyá Ògbín, ti Aládafà Aríkẹ yan.

Ìran àn mi, t'Èṣà, lònà òjò²³
Ará Igbón mọ̀lẹ̀, ará Ògbín-Mọ̀so
Ọmọ Kẹ̀ṣẹ̀ – tí ikeṣin lóro
Ọmọ láági ọwẹ̀ṣọ.
Ọmọ Ato kékeré abẹnu jéjẹjẹge.

Àináa niyá Ogbiin jẹ.
Aládafà n lo kọ awo eégún ṣe

Òriṣà Ègùn ló bí iyá Ògbín ti Aládafà

Ṣ'Ògbín, ṣ'Èlé, ará ilẹ̀ Iwi.

Ará ilú Ilódán, èrò igi.

Ọdán nigí Ìṣiwọ̀ wọ̀n.
Ògùnberẹ̀ nigí Ilorò.

A kì ijíjọ Iwi lóòro nilée Kúmólú.

È jápẹ̀,²⁴ ẹ̀ jáwo
È wá jó gbànṣẹ̀tẹ̀ nilé Ológbìn-màlé.

È jápẹ̀, ẹ̀ jáwo,
È fòkòòro wusì l'Èyọ̀.
Àwọ̀n ọmọ Ànùmí, wọ̀n kò gbọ̀ḍọ̀ fihá tanná.

Ihá ni aṣọ̀ babaa wọ̀n.

Àwọ̀n ọmọ galàjà, yí ká ebèè dā̀nù.

Ànùmí ní, bí mo bá wò yín, wò yín,
Ma ta fẹ̀rẹ̀, ma yan lọ sóri igi.

A mãe de Ògbín sabe o segredo de Orò e Àgan.
Ela sabe símbolo de Orò.
E ela conhece o Ọpa que mata.
A mãe de Ògbín, Aládafà com que move orgulhosamente a sua corcunda.
Minha linhagem, o ilustre no distrito de Òjò.
Nativo de Igbónmọ̀lẹ̀ e Ògbín-Mọ̀so.
O chute excessivo ensina o cavalo a ser cruel.
O filho de Láági que arrasta o seu manto atrás dele.
O filho da pequena Ato (a mulher pequena) conhece por ela a conversa rápida e inteligente.
Aina é a mãe de Ògbín.
Aládafà foi o primeiro homem que executou o mistério de egúngún.
A mãe de Ògbín nasceu na família de Aládafà pelo Òriṣà Ègùn.
Ele está relacionado a Ògbín e com as casas dos filósofos Sèlé.
Árvores Banyan são abundantes na sua cidade e eles têm muitas plantas e arbustos.
Árvore Banyan é a árvore do seu ritual.
Árvore Ògùnberẹ̀ é usada para fazer bodoque de Orò.
Nós não dançamos eretos os cantos de Iwi na casa de Kumolu.
Dance para Apẹ̀, dance a música de Awo.
Dance para o tambor Gbànṣẹ̀tẹ̀ na casa de Ológbìn-Màlè.
Dance para Apẹ̀, dance a música de Awo.
Cante òkòòro cordialmente em Èyọ̀.
O filho de Ànùmí não deve fazer fogo com palha de palmeira.
As batatas do seu pai foram feitas de palhas de palmeira.
Como os macacos, eles destroem os montões com raiva.
O macaco diz, quando eu olho aqui e lá,
Eu salto rapidamente em uma árvore.

²² Àgan e Orò são usados para executar ações temerosas e mortais para libertar as sociedades do mal.

²³ Òjò é uma palavra encurtada para Ògbojò.

²⁴ Apẹ̀ pode estar batendo palmas, batidendo um couro grande num pilão, ou fazendo uso de duas varas para bater um ao outro. É uma música ritual.

ORÍKÌ ÀWỌN OLUKOLÒ

Ọ̀ṣẹ́ l'Olúkólòó jẹ́
Ọmọ²⁵ ayéégún lágba
Òkò balẹ̀ rá kábá
Ọmọ Mọ́yín-mọ́yín mé'ta
Tí mbẹ́ ló'de Àpínni.
Ìṣù òlẹ̀lẹ̀ mẹ̀fà nigbàlẹ̀
Ọ̀ṣẹ́ Ìkòlò, ọmọ ká-jẹ́-kó-tán
Kí Ọ̀ṣẹ́ jẹ̀jì
K'Álágbáà²⁶ ó jẹ̀jì.
Kéégún náà ó jẹ̀jì.
Kí tatòkùn ó pòórà
Pẹ̀ n lẹ̀rù ìjà, atòkùn sì bọ̀ eégún lórí

Ní ìbínú atòkùn sì bọ̀ aṣọ̀ tòró
Yànmù-yànmù sì bu eégún jẹ!
Oní'gbórí tí ẹ̀ wí pé egún ò gbòdò bọ̀ṣọ?

Bébií bá n peégún, eégún a bọra
Eégún mutí tán, ó j'òlẹ̀lẹ̀ tán

Eégún wá gun²⁷ Onígbórí mọ̀kọ
Eégún ni Olúgbẹ̀ẹ̀ Àdá²⁸
Kò ẹ̀ni tó ẹ̀jẹ̀ ju Olúgbẹ̀ẹ̀ Àdá

Òkú àgan bèlé²⁹
Èranko gbáágádá, o kú gbanrangandan
Ìrù àgan kò balẹ̀ ní'gbàlẹ̀.
À wèrè-mẹ̀gun³⁰ tó jẹ́ lórí igbá kòtó

Ò tún gorí ẹ̀mi lọ
A ẹ̀rìṣà fòhùn awèrè
Ọ̀jẹ̀ kí í j'Olúgbẹ̀ẹ̀ Àdá

Oní'tẹ̀gùn, Ọmọ̀bọ̀kọ̀rẹ̀
Ègùn àjà, Ègùn àlétè, iyán kò jọ ọkà

Ègùn àlétè arúgbó kosùn,

ó dá apópo ojú sí
Ìjì abọ̀wọ̀ – halúhalú
Akàn, abàyà ko

Ìjì já'de rìn galàjà, galàjà.
Òdù Akàn a ẹ̀gbẹ̀ wòròkò janà.
Àṣẹ̀ṣẹ̀ já'de ìjì, yíyan ní yan jánú oko

Ọ̀ṣẹ́ é outro nome para Olúkólò
Que amarrava os mantos dos egúngún com corda forte
Como uma pedra lançada que rola ao tocar o solo
Filho daquele que teve três mọ́yín-mọ́yín.
Que mora na cidade de Àpínni.
Seis envolturas de òlẹ̀lẹ̀ na floresta de egúngún
Ọ̀ṣẹ́ de Ìkòlò apelidado de, “Comemos tudo”
Deixe Ọ̀ṣẹ́ comer dois
Deixe Álágbáà comer dois
Deixe egúngún comer dois
Não deixe nada para o guia do egúngún comer
Lutando sem dinheiro e o guia do egúngún despojou a
descobrir Egúngún.
Na raiva o guia desmantelou o egúngún
E um mosquito mordeu o egúngún.
Por que Oní'gbórí deveriam dizer que os egúngún não
deveriam ser despojados desnudos?
Quando o egúngún tem fome, ele se despojará nu.
Depois que egúngún bebe o vinho de milho da canjica e
come o òlẹ̀lẹ̀ cerimonial
Então o Oní'gbórimọ̀kọ foi possuído.
O macaco vermelho era egúngún.
Ninguém ultrapassa o macaco vermelho no culto de
egúngún.
O cadáver de Àgan.
O homem-macaco que é ativo e mas supino em morte
O rabo de Àgan não deve tocar o solo na floresta.
Awèrè-mẹ̀gùn comeu na árvore do feijão gafanhoto e
viu que não era suficiente.
Ele também saltou na árvore ori.
Que já é uma deidade e que fala como um macaco.
Os membros do culto de egúngún não devem comer o
macaco vermelho.
(O macaco vermelho é chamado) Oní'tẹ̀gùn Ọmọ̀bọ̀kọ̀rẹ̀.
O macaco que se agacha no sótão vê que o inhame
pilado é diferente da farinha de inhame cozida.
Como um homem velho que se pintou por toda parte
com osun
e deixa o buraco da face.
O macaco cujos braços são longos e fortes.
Como um caranguejo que possui uma casa e um tórax de
casca.
O macaco vem, mas, galopando.
O grande caranguejo ao andar caminha lateralmente.
Quando o macaco sai regamente da floresta e troteia na
fazenda.

²⁵ Ọmọ quer dizer o filho de, ou descendência de. Em alguns casos poderia ser omitido sem soltar o significado.

²⁶ Álágbáà é o chefe ritual de culto de egúngún.

²⁷ Os assistentes são possuído sempre que são executados rito de Igbón.

²⁸ Olúgbẹ̀ẹ̀ Àdá é outro apelido para o macaco vermelho.

²⁹ Refere-se a Ọwónrín Àsẹ̀yìn e o enterro ritual dos ossos do macaco vermelho.

³⁰ Awèrè-mẹ̀gùn é outro apelido para o macaco vermelho.

Àṣṣṣṣ-kùro-nínú-ihò akàn a ṣe irin gbèrè
 Ìjì yan já' ná bi òlẹ,
 ìjì akíntókun a birin gbèrè
 Ó sáre kaaja koojo ninúún ẹwẹ ẹlẹwẹ.
 Ìjì lẹbá, ayungùdù agò.
 Ó wónú oúndè kó gàngàngúgú.
 Bí à mbà n pe Olúkolò,
 a máa pe Alá'pinni
 Mo mọ olóólà tí í kọnú nílee Kújẹnrá.
 Mo mọ olóólà tí í kọ ẹhin nilé Ìkolò
 Ní'gbà tí n ó ò jí ni mo bá ilà lówò mi
 Kújẹnrá, ọmọ arúgbó dúdú okoyé.
 Ọpàpà, mo lè pagidà, sọgi dèniyàn³¹
 Ìjì Olúkolò, o já lugbó, o dolú igbó.
 Ìjì já nínú ọdàn, o dòṣumàre ọdan
 Ìjì ni a-gbóri-ìgbá-wòye-olóko.
 Dabi oke Lánítàn
 Arápá sọluu³² gẹgẹ.
 Aréjìkà so lúù ẹgòdò.
 Akínwón, Èyídùn, Ọlámódi.
 Mọlósé, Àgbóṣokun, Ọgbó
 Ará Àgbóṣokun.
 Ọmọ arúgbó dúdú eti Okoye.
 Àgbóko-léwù-lóri,
 ọmọ a taroko lowo lówó.
 Ọmọ a-sa-ma'-lee-lọ.
 Iyekan Age ni wón.

Quando o caranguejo sai primeiro do seu buraco,
 caminha devagar.
 O macaco marcha lentamente na estrada.
 "O valente" que trota majestosamente.
 Ele corre confusamente pela fazenda dos ursos
 vermelhos.
 O macaco em Ọbà (significando egúngún) que usa
 fantasia muito grande.
 Ele veste numerosos cintos de magia como uma
 bagagem poderosa.
 Quando a pessoa louva Olúkolò,
 a pessoa também louva Alá'pinni.
 Eu conheço o fazedor de cicatrizes no abdômen em
 Kújẹnrá.
 Eu conheço o fazedor de cicatrizes nas costas em
 Ikolo.
 Eu despertei cedo em minha vida e eu achei a
 inscrição da natureza enfileirada em minhas palmas.
 Kújẹnrá, filho de um homem preto velho de Okoye.
 Como um convertedor, eu posso converter madeira
 em um ser humano.
 O macaco de Olúkolò que entrou na floresta e se
 tornou o senhor da floresta.
 Ìjì entrou na campina você se torna o arco-íris da
 campina.
 O macaco é o que fica na árvore de feijão gafanhoto
 para contemplar o fazendeiro.
 Você se parece com uma colina enorme Lánítàn.
 Você tem braços longos para levar e esparramar o
 caro tecido nativo.
 Você tem ombros fortes e largos para levar o tecido
 ẹgòdò pesadamente.
 Os seus outros nomes são Akínwón (os valentes são
 alguém), Èyídùn (este aqui é doce), Ọlámódi (a sua
 honra o cerca como uma parede da cidade).
 O possuidor de um martelo muito velho.
 Um nativo de Àgbóṣokun (muito velho e forte).
 O filho de um homem preto velho perto de Okoye.
 Ele vive velho na fazenda
 que vende iroko para ter dinheiro.
 Filho da pessoa que deixa e não pôde partir.
 Eles são relações de Age.

³¹ Isto é onde são relacionadas as linhagens de egúngún aos escultores de madeira que têm oríkì em Ajigbógúnde, Iwata ou Opómúléro.

³² Lúù é uma madeira nativa muito cara.